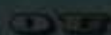


AMADOR BUENO



A FIDELIDADE PAULISTANA

DRAMA EM 5 ACTOS

POR

J. Theobaldo de Sousa Silva

very rare. —

Of great importance for
the history of Brazilian
theatre in dramatic poetry.
The first representation of
donador Buena was given
at 19/806 —

With a very interesting
introduction. —

AMADOR BUENO

OU

A FIDELIDADE PAULISTANA

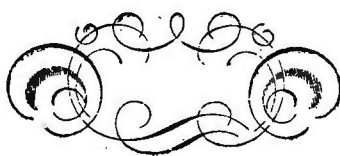
DRAMA EM 5 ACTOS

POR

J. Horbato de Sousa Silva.

Aquelle asylo da fidelidade contra a revolta, aquelle sitio onde se deu o primeiro e unico espectáculo de tanta abnegação das grandezas humanas, aquelle sanctuario da honra e do dever mais sagrado; que nem um outro, devêra ser acatado para memoria de tão glorioso acto paulistano, está hoje convertido em cavallariças!.. O relinchar dos ginetes responde alli aos manes de Amador Bueno quando visitam o theatro de sua gloria!..

(FIALHO, *Viagem de SS. MM. II*).



RIO DE JANEIRO

Empreza Typ.—DOUS DE DEZEMBRO—de P. Brito,
Impressor da Casa Imperial

1855.

Á SÊU PAE

MANOËL JOSÉ DE SOUSA SILVA

DESCENDENTE PELA PARTE MATERNA

DOS ANTIGOS, NOBRES E EMPREHENDEDORES PAULISTAS

Nascido em Santo Antonio de Itatiaia a 9 de Novembro de 1776
e fallecido no Rio de Janeiro em 6 de Outubro de 1853.

Como uma prova de amor filial, como uma lembrança de saudade.

D. O. C.

O AUCTOR.

INTRODUÇÃO.

O presente drama, que vai ser archivado na *Bibliotheca Guanabarensis*, já é bastante conhecido do público do Rio de Janeiro, e com tudo julgamos dever dizer algumas palavras sobre elle e seu auctor.

O *Amador Bueno ou a Fidelidade paulistana*, foi escripto nos primeiros dias do mez de Agosto de 1843, a instancias do illustrado conego Januario da Cunha Barbosa, e é uma das obras de mais intimas recordações para o seu auctor.

Ao grito de uma esposa que acabava de ser mãe; ao vagido ainda fraco de uma filha que no seu brado infantil dava o signal de sua existencia, e baluciava o cantico das dôres pelo qual começamos a nossa vida, cahião da penna do auctor os ultimos versos do hymno da acclamação victoriosa do rei, em que se personificára a liberdade de uma nação, que renascia para o universo, e completava-se o seu primeiro drama. As duas Leonoras vieram ao mundo no mesmo dia e á mesma hora.

Sobre o tumulto ainda rescente de seu velho pae, como uma lembrança cara ao descendente, pela parte materna, desses antigos e emprehendores paulistas, nascido na patria de Claudio Manoel da Costa, de Basilio da Gama, de Santa Rita Durão, o vai depositar o auctor como uma prova de seu amor filial, como uma mostra de uma saudade eterna. O velho cego apenas pôde abraçar uma de suas Leonoras; a enfermidade que o privou da vista nos ultimos annos de uma vida quasi octogenaria, que tão trabalhosa havia sido, lhe impedira de vêr a outra.

Foi *Amador Bueno* um triumpho para seu auctor? Abriu-lhe as portas do theatro? Escolhido para ser representado na abertura do theatro S. Francisco em sua restauração, o Conservatorio dramatico brasileiro adjudicou-lhe a preferencia sobre outras composições por quinze votos contra trez, em sua sessão de 19 de Julho de 1846. No dia 19 de Setembro subia elle á scena, e no dia 20 do mez seguinte, repetia a mesma companhia a sua representação no theatro de Santa Thèzeza, em Nicheroy. Depois dessas duas representações o primeiro ensaio dramatico do auctor sumiu-se no meio dos applausos expontaneos e não preparados de ante-mão, e foi esconder-se, e para sempre, entre as velhas e decalidas peças do repertorio theatral.

Nem o publico tão benigno em nossas plateias, nem a imprensa do paiz tão favoravel em sua critica, victoriaram o novo auctor dramatico, como lia feito a outros; apenas um escriptor nacional, o illustrado L. C. Martins Penna, traçou-lhe um rapido elogio nestas concisas e frias palavras: « Tendo de abrir o seu theatro, julgou o Snr. João Caetano dos Santos que o devia estrear com um drama original, e nesse sentido por annuncio publico convidou os estriptores dramaticos nacionaes para lhe apresentarem as suas producções. Teve a satisfação de vêr correspondido o seu convite recebendo cinco dramas de diversos auctores. D'entre estes devia escolher um; mas temendo compromettimento pessoal consultou o Conservatorio dramatico brasileiro, para que examinando os ditos dramas, houvesse de designar qual julgasse mais digno de subir á scena. O Con-

servatoriq̄ decidiu que fosse escolhido o drama *Amador Bueno*. Em consequencia desta deliberação o Snr. João Caetano dos Santos tratou de o promptificar com todo o apparato e gosto que sempre se ha nessas occasiões. O drama *Amador Bueno* tem boas scenas, e não é mal conduzido, e si o todo pareceu frio; é que o assumpto a nosso vêr nada tem de dramático. O publico o recebeu com benignidade e seu auctor o Snr. J. Norberto de S. S. deve vêr nesse acolhimento animação futura. »

Cahi o drama em a sua primeira representação? A mesma companhia que o representou na cõrte o repetiu em Nictheroy, e certo não se recorreria a uma segunda prova publica si os applausos longe de corôal-o o deixassem cahir no meio de um verdadeiro *fiasco*. Não desanimou o auctor, que trabalha com entusiasmo desde os bancos da escola pelo progresso da litteratura de sua patria. Escreveu em um improviso a opera comica *O Chapim ou a condeça de Valdey*, que ahí corre em um acto, mas o *Chapim* não se representou, e *Beatriz ou os Francezes no Rio de Janeiro*, tambem opera comica em dous actos. que ia entrar em ensaios, foi devorada pelas cbammas que reduziram pela segunda vez a cinzas o malfadado theatro nacional de S. Pedro d'Alcantara.

No meio das lides materiaes da vida, a braços com os cuidados de uma familia não pequena, entre os trabalhos de uma secretaria que entorpecem o espirito e despoetizam a intelligencia, era preciso ter bastante coragem para ainda dedicar-se a litteratura, para emprehender difficeis e laboriosas memorias historicas, e para votar-se a inspecção da instrucção primaria da sua parochia com aquelle zêlo e cuidado que só inspiram o amor da patria, sem outro interesse, sem outra recompensa mais do que o arrependimento de haver lançado sobre seus hombros essa tunica de Nesso!

« A aurora dos estudos serios, disse um escriptor nosso, ainda não raiou para o Rio de Janeiro.» Proposição tão injusta só poderia partir de quem tão levemente desconhece os esforços de seus compatriotas em relação as circumstancias peculiares do paiz. Melhor expressou-se o marquez de Maricá quando disse: « Para os que governam, os serviços mais importantes são os feitos directa e especialmente ás suas pessoas. » Ah! para essés melhor seria que jámais desabrochasse a intelligencia no Brasil!..

Ainda ha pouco os factos confirmaram a reflexão do illustre Rochefaucault fluminense. Os mais pequenos serviços prestados na capital da provincia do Rio de Janeiro foram amplamente recompensados com as graças officiaes, mas o governo provincial, que promettêra no regulamento da instrucção publica levar a presença do governo imperial os serviços prestados nesse ramo tão interessante do publico serviço, não teve para o auctor senão palavras e elogios que nem ao menos viram a luz da publicidade! Em compensação, as instrucções secretas para as eleições não são tão enganadoras, e o triumpho da urna eleitoral converte o homem da mais infima plebe em distincto cavalleiro, que emparelhado com os grandes pelas recompensas civicas, olha com desprezo para a intelligencia desornada de toda a consideração official!

Eis a prova do que levamos dito: « Illm. Snr. — Tenho a honra de communicar á V. S. que o Snr. conselheiro presidente desta provincia resolveu em data de 14 do corrente conceder-lhe a demissão que pediu do cargo de inspector das escolas da parochia de S. João Baptista deste municipio de Nictheroy; determinando que da parte do governo agradecesse á V. S. os serviços que prestou. Testemunha desses valiosos serviços desde que exercêo o lugar que occupo e conhecido pela tradição do zêlo ardente e patriotico com que V. S. se ha devotado a este ramo tão importante do ensino publico durante o largo espaço de dez annos, sinto em verdade o maior prazer em ser o orgão do mesmo governo na manifestação de seu reconhecimento. Transmittindo a V. S. a expressão de taes sentimentos, lastimo todavia o vêr-me privado de um auxiliar tão illustrado e zeloso, como foi sempre V. S. no desempenho daquelle emprego. Deos Guarde á V. S. Inspectoria geral das escolas primarias da provincia do Rio de Janeiro, 27 de Dezembro de 1854.— Dr. Ludgero da Rocha Ferreira Lapa.— Illm. Snr. Joaquim Norberto de Sousa Silva.

Desgraçadamente não são factos contestáveis. A' face do paiz, dirigindo-se á S. M. I., que tão desvelado e unico se ha mostrado em sua protecção as lettras, já o auctor disse com a franqueza que lhe é propria, quando no Instituto historico brasileiro se inaugurava o busto de um de seus dignos fundadores.

Monarcha americano,
 Magnanimo. Senhor, alma e esperanza
 De um povo sempre heroico
 Em cujos peitos tens firmado o throno,
 Gigante do futuro,
 Tu lhe estendeste carinhosos braços :
 Terás em paga a gloria
 Mais que esses reis que as lettras protegeram,
 Embora por vaidade.
 Mas completa a missão não é ainda
 Assaz fazer-te cumprir.
 Si é grato ouvir o murmurar da patria
 Sabe que ao desamparo
 Ah! só nos não fallece o teu influxo,
 Doce sopro de vida ;
 Mas na aridez do valle, onde o sol cresta
 Novos tenros pimpolhos !
 Nosso porvir tão bello se amesquinha
 Em misero presente
 Assim mentindo tão felizes dias.
 Lisongeiras promessas,
 Qual pomo qu'inda em flôr se murcha e sêcca
 Hão mangrado até hoje.
 Mas o futuro é grande, como a idéa
 De Deos, onde repousa ;
 E tu podes, embora não te ajudem;
 Dá-nos o teu auxilio,
 Promove as lettras— Unico, que importa ?
 Maior brazão te cabe !
 Acena, e tu verás sabios e vates
 Honrarem nossa idade,
 E darem lustre a teu benigno sceptro.
 Tu tens na dextra a força,
 Tu tens no teu aceno o teu imperio !

Voltemos ao drama.

Amador Bueno que parecia condemnado ao eterno esquecimento surge agora de novo para a luz da imprensa. As duas unicas copias que existiam, uma na typographia para ser impressa e outra no theatro que serviu para as representações, tinham desaparecido por uma coincidencia que se não explica; o auctor recorreu á sua memoria, aos fragmentos das provas de prélo, da parte já impressa, cujas folhas tambem desapareceram, e a alguns dos papeis pelos quaes estudaram os actores; tudo foi baldado ! Quando já nem umas esperanças lhe restavam de restaural-o, recebeu-o das mãos do Snr. commendador João Caetano dos Santos, que instadd, e decidindo-se a procural-o por si proprio, o encontrou entre esquecidos papeis. Elle aqui lhe agradece cordialmente este obsequio.

Os que compararem este drama ao drama épico-histórico-americano em quatro actos e tres mutações com o mesmo titulo e sobre o mesmo assumpto do Snr. F. Adolfo de Varnhagem, impresso em Lisboa em 1847, verão que não é elle tão frio como pareceu ao nosso auctor dramático L. C. Martins Penna. O actor que se encarregára da parte de *Amador Bueno* levantava-se do leito da enfermidade para apparecer na scena; debilitado, arrastava-se no palco como um cadaver galvanizado, e a sua voz rouca nem si quer era ouvida; d'ahi originou-se alguma frieza nas scenas em que teve parte e que ao cabo ia compromettendo o exito final do drama. Em Nictheroy, onde a representação correu excellentemente, onde as ovações tributadas ao actor, que reaparecia na capital do imperio, e tantos outros incidentes não interromperam a marcha do espectáculo, o drama foi applaudido com mais enthusiasmo, e não se lhe notou esse frio em seu todo.

Facil fôra ao auctor se preparar por meio de seus amigos um triumpho, encomendar applausos, ovações e comparecimento sobre a scena;— outras eram porém as suas aspirações. Desejando fortalecer-se na litteratura dramatica, a que parece inclinado desde a sua infancia, quiz vêr o effeito verdadeiro de seu ensaio e não enganar-se a si proprio. Aos que notaram que não havia um papel para o creador dos papeis de Antonio José, Othelo, Keen, Aristodemo, Hamleto, André e tantos outros, quereriam por certo commoções fortes, lances tragicos, peripecias romanticas, quadros ensanguentados, scenas mudas em que só fallasse a mimica, e esses *tours de force* que não convinham ao historico de seu assumpto. Para esses melhor teria sido que o auctor se apresentasse antes com a sua *Clytemnestra, rainha de Mycenae*, essa rapsodia escripta ao sahir dos bancos da escola, essa tragedia romantica no estylo, mas classica no seu enredo, feita a instancias do Snr. commendador João Caetano dos Santos, e na qual se encontra tudo isso, mas que não é nacional como o seu drama. Não o quiz; decidiu-se pela predilecção da nacionalidade do assumpto e enganou-se;— as consequencias teriam sido outras.

Pobre, mesquinha e desprotegida ahi vai a litteratura dramatica da nossa patria, sem que ninguem se lembre de dar-lhe o desenvolvimento que lhe convém e que pôde e que deve ter. Os homens da actualidade só pensam nos melhoramentos e recursos materiaes do paiz, e medem pela bitola da imbecilidade a todos aquelles que se não infileiram sob o seu estandarte.

O concurso da intelligencia, esse só admittem elles sob a condição do silencio.

E com razão que ainda não chegou a sua vez de fallar ao paiz.

Deixemos passar o tempo;— a esperança do nosso engrandecimento intellectual não é um sonho vão;— é um mytho na crença do povo!

A cada um a sua época:— a de hoje pertence aos homens materiaes.

A da manhã... o Imperador nô-la dará, como deram os seus antepassados aos povos de além-mar nos seus dias de maior gloria!

Não esmoreça o auctor de todo; conclua essas composições dramaticas originaes que estão apenas esboçadas e entregue-as á imprensa. Não terão por certo o merito das peças submettidas as provas publicas, mas serão como um protesto solemne contra a indifferença de governantes e governados, que ao menos tem o direito por si: — estão na sua época.

Rio, Julho de 1855.



INTERLOCUTORES.

AMADOR BUENO.

D. LEONOR.

D. MARIA DE QUEVEDO.

MANOEL BUENO.

PEDRO BUENO.

LUIZ BUENO.

D. JOAÕ MATHEUS.

D. FRANCISCO RENDON.

GARCIA ou D. GARCIA VALDEZ.

MARTINEZ,

D. ALLONSO.

LAPUERTA.

MARTHA.

ANNA.

BRAZ ESTEVES.

ANTONIO DIAS.

BARTHOLOMEU.

O DOM ABBADE DOS BENEDICTINOS.

MONGES DE S. BENTO.

O presidente e officiaes do senado da camara, convidados hespanhães para o festim, convidados de ambos os sexos para o casamento, paulistas de varias condições, pagens de varias côres e librés, criados, escravos, etc.

S. PAULO, 1642.

1.

O FESTIM DOS CONJURADOS.

Valeram-se os Hespanhoes de todos os argumentos para persuadirem aos Paulistas e Europeus, pouco instruidos, que sem encargo de suas consciencias, nem faltarem a obrigação de honrados e fieis vassallos, podiam não reconhecer por soberano a um principe a quem ainda não haviam jurado obediencia.

(MADRE DE DEOS, *Mem. de S. Vicente*).

ACTO PRIMEIRO.

CASA DE D. ALONSO.

Avarandado fechado por geozias ou rotulas, que, abertas ou erguidas, deixam vêr um jardim todo de arvoredos e flôres; ao longe collinas cobertas de verdura, portas lateraes, das quaes uma se couservará fechada; mesa, cadeiras, etc. E' tarde; o sol vaê declinando.

SCENA PRIMEIRA.

D. JOÃO MATHEUS, D. GARCIA VALDEZ, D. ALONSO, MARTINEZ, LAPUERTA.

Diversos convidados, que assistem ao festim, criados que os servem. Uns assentados e outros em pé em torno da mesa, já no fim do festim, com copos empunhados, e a cantarem; os criados entrando e sahindo, estão occupados em servir-os.

TODOS.

Os 'copos enchendo,
Provemos,
Libemos
O doce licor,
Que traz a alegria,
Que tudo extasia
Desterrando a dôr!

Contentes da vida,
Folguemos,
Brindemos
A' patria e á amor.
Embora, ó amigos,
Nossos inimigos
Redobrem em furor.

Os copos enchendo,
 Provemos,
 Libemos
 O doce licor,
 Que traz a alegria,
 Que tudo extasia
 Desterrando a dôr!

(Levam os copos á boca e bebem).

D. ALONSO *(rindo-se)*.

Ninguém melhor que dom Garcia Valdez apreciará tão estimaveis versos.

D. GARCIA VALDEZ.

E porque não, meus amigos? A tarde ao festim, folgando e vivendo a vida de prazeres, e o mais é, despedindo-me do mundo dos solteiros; e a noite ao sarão, desposado da filha do muito nobre Amador Bueno da Ribeira.

LAPUERTA *(dissimulado)*.

Outro tanto faria eu si estivesse em seu caso. (O que Deos nunca permitta!..)

MARTINEZ.

E eu! Não nos esqueçamos, porém, meus amigos, de um brinde debaixo de toda a seriedade á futura felicidade de dom Garcia Valdez, e á sua nobre esposa dona Leonor Bueno.

D. ALONSO.

Bravo!

LAPUERTA.

Vá feita; vinho aos copos, copos á boca, e que vivam por muitos annos!

TODOS.

Os copos enchendo,
 Provemos,
 Libemos
 O doce licor,
 Que traz a alegria,
 Que tudo extasia
 Desterrando a dôr!

Contentes da vida,
 Folguemos,
 Brindemos
 A patria e a amor.
 Embora, ó amigos,
 Nossos inimigos
 Redobrem em furor.

Os copos enchendo,
 Provemos,
 Libemos
 O doce licor,
 Que traz a alegria,
 Que tudo extasia
 Desterrando a dôr.

(Enchem os copos e os esgotam, menos D. Francisco Rendon).

D. GARCIA VALDEZ.

Obrigado, muito obrigado, meus amigos. Agora presta-me a vossa attenção por um momento, que tenho que vos expôr negocio importante; é um grande projecto, e um projecto todo politico.

LAPUERTA.

Caso raro! Occupar-se em occasião de noivado com politica, a menos que não seja politico o casamento, como esses que se usam lá pela Europa!..

D. GARCIA VALDEZ.

Sou ao contrario dos que em occasião de politica se occupam de noivado; não faço mais do que me aproveitar da occasião de vos ter aqui reunidos; não é a idéa sómente minha, é de todos os grados hespanhoes que vivem entre nós; e como somos patriotas, bom é não deixarmos de intervir nesse grande feito.

D. ALONSO.

Eu o espero.

D. GARCIA VALDEZ.

Mas fechemos primeiro estas portas, e juremos pelas cruces de nossas espadas o mais inviolavel segredo do que tratarmos aqui.

TODOS (*em pé, levando as mãos ás espadas*).

Juramos.

Nesta occasião não ha criados no avirandado; alguns convidados se erguem e feicham as portas; — escuro, mas não de todo.

D. GARCIA VALDEZ.

Meus bravos compatriotas! Portugal triumphou da Hespanha, e por toda a parte do reino e seus dominios é o duque de Bragança aclamado rei, com o titulo de dom João IV. E vêl-o-hemos, nós, hespanhoes, subtrahir-se á mãi patria todo este vasto terreno do novo mundo?

D. JOÃO MATHEUS.

Permittir-me-heis que faça justiça a quem de direito a tiver. Assim dir-vos-hei meus amigos, que o reino portuguez revendica seus direitos, recupera suas possessões, e como tal pertence-lhe o Brasil. E de mais, vós sabeis o como será, não já difficil, senão impraticavel á Hespanha, o querer retêl-o sob o seu jugo. Gigante ainda na infancia, eil-o ahi qual outro Sanson que debella Phelisteus, a travar lucta renhida, que se dilata a annos, com uma das primeiras nações do mundo! Eu mesmo vi, eu mesmo combati á par desses heroes, cujos nomes já enchem o velho mundo, levando o terror á Hollanda. O denodo dos Vieiras, a intrepidez dos Negreiros, o valor dos Rabellos, a coragem bravía dos Camarões, e o animo brutal dos Henrique Dias, bastam para tornar respeitavel a sua independencia e segurar o lugar que lhe prescreveu o dedo do Eterno no mappa das nações.

D. ALONSO.

Grandes e proveitosas cousas podemos nós conseguir, sem mover uma só arma, sem verter uma só gota de sangue.

D. GARCIA VALDEZ.

Por certo, meu amigo, que não são tão sómente os triumphos attributos

das armas; em todo o caso vence e triumpho o artificio, quando dirigido pela sagacidade vai predisposto de fins infructuosos á fructuosos fins. Não conheceis o orgulho dos paulistas pela sua ascendencia, que toma a sua origem das mais nobres casas portuguezas, e a altivez dessa raça de indios e de brancos— os mamelucos? Não serão elles que se submetterão ao dominio da Hespanha; pois bem, em vez de offendel-os, lisongei-os antes, e tudo obtereis.

D. JOÃO MATHEUS.

Que faceis projectos para emprezas tão difficeis!

MARTINEZ.

Tão simples é o nosso plano, como facil a execução, e provavel o exito feliz.

D. JOÃO MATHEUS.

E qual é elle? Não o poderei saber, dom Garcia Valdez?

D. GARCIA VALDEZ.

Podeis, nobre dom João Matheus Rendon, pois ainda que não abraceis a nossa causa, sereis ao menos fiel ao juramento.

D. JOÃO MATHEUS.

E quando o não tivesse prestado, confiaveis n'um cavalleiro.

D. ALONSO.

E hespanhol!

D. GARCIA VALDEZ.

Sim, e cavalleiro hespanhol. Certos nós de que esta capitania, e com ella o Brasil ficará dentro em pouco unido ás Indias de Hespanha, si erguem os Paulistas o pendão da revolta, estamos que nos convém mostrar compenetrados de amor do solo em que vivemos, e zelosos do bem commum destes povos, elegendo rei que por nós seja. Amador Bueno é d'entre todos os Paulistas o que se torna mais digno da regia autoridade.

MARTINEZ.

A escolha não podia ser melhor!

D. ALONSO.

Descende de hespanhoes e o sangue de seus paes lhe corre nas veias com orgulho; não deixará pois de attender-nos.

D. GARCIA VALDEZ.

E além disso tem exercido altos empregos, merecido as sympathias dos seus patricios; acha-se geralmente relacionado, não só pela sua opulencia, como pelas allianças de seus filhos e filhas, uma das quaes esposou ha pouco o fidalgo hespanhol, o nobre dom João Matheus Rendon, meu amigo.

D. João Matheus inclina-se levemente, como que para agradecer.

D. JOÃO MATHEUS.

Obrigado, dom Garcia! obrigado, meu proximo cunhado! Mas que errados calculos, que são os vossos! Ah! vós não conheceis por certo a alma e o coração desse homem, — grande como o seculo que o produziu, — nobre como seus avós, — illustre como seus compatriotas. Elle sabe quaes são os seus direitos, e quaes os seus deveres. Delle pois obtereis tudo, tudo quanto quizerdes, mas não que falte ao juramento de fidelidade ao seu rei!

D. GARCIA VALDEZ.

Que é do juramento de fidelidade prestado ao duque de Bragança, que ainda ha pouco empunhou o sceptro do governo? Sem remorso, sem que perjure, elle póde aceitar a corôa que os povos lhe offerecerem, e por ventura mais digno della que muitos reis. Temeis a resistencia? Que levantem exercitos! Que opponham resistencia á resistencia! Ahi estão inteiras tribus de Indios que gemem no captiveiro; dêem-lhes liberdade, que combaterão pela liberdade! O sitio de S. Paulo é por si mesmo defensavel, que para os portos do mar não existe ao presente mais do que a estrada de Paranapiacaba, bastante má. Lancem-lhe algumas pedras pela serra abaixo, e retirar-se-hão os expugnadores derrotados.

LAPUERTA (*rindo-se*).

Liberdade para os indios, quando estes Paulistas expulsam os jesuitas por serem advogados de tal liberdade! Ah! concebo o teu plano, mas tem sua difficuldade! E quem quererá pôr-se á frente do povo, empenhando a sua cabeça ao barço do algoz para realisar teus sonhos, meu dom Garcia?

D. GARCIA VALDEZ.

Descança;— nós os hespanhoes, não tomaremos parte alguma no movimento; nossa mão occulta tudo machinará; será ella como a mão do festim de Balthasar, que veiu sem se saber de onde, que escreveu sem se saber como, e que desapareceu sem se saber para onde. Quanto ao chefe do movimento, ninguem melhor (permitta-me dom João Matheus) que dona Leonor Bueno.

D. ALONSO.

Vós sois digno, dom Garcia Valdez, do nosso reconhecimento! Tudo agora depende de nós mesmos, ou antes tão sómente de vós.

D. GARCIA VALDEZ.

Então, meus amigos, mãos á obra! Amanhã— o povo na praça em tumulto; amanhã— as suas vozes nos ares em acclamação; amanhã— Amador Bueno sobre o throno!

D. ALONSO.

E ainda uma vez, meus amigos, vinhos aos copos; e abramos essas portas e dispersemos-nos, satisfeitos desta reunião.

Enchem todos os copos e os empunham cantando.

TODOS.

Os copos enchendo,
 Provemos,
 Libemos
 O doce licor,
 Que traz a alegria,
 Que tudo extasia
 Desterrando a dôr!

Contentes da vida,
 Folguemos,
 Brindemos
 A' patria e á amor.
 Embora, ó amigos,
 Nossos inimigos
 Redobrem em furor.

Os copos enchendo,
 Provemos,
 Libemos
 O doce licor,
 Que traz a alegria,
 Que tudo extasia
 Desterrando a dôr.

Todos levam seus copos á boca e bebem; erguem-se depois, abrem as portas; retiram-se alguns, e outros se conservam a conversar; dom Garcia Valdez falla com alguns delles; occupam-se os criados em levantar a mesa, e quando concluem o serviço já todos se têm retirado, menos dom Garcia Valdez.

SCENA II.

D. JOÃO VALDEZ (só).

Muito bem tudo caminha a medida de meus desejos; o plano está combinado, e não deixará de ter o mais feliz exito! Serei ditoso, vêr-me-hei engrandecido rodeado de todas as homenagens, e. . . (*Vendo a porta abrir-se*).
 Oh quem sois vós?

SCENA III.

D. GARCIA VALDEZ, D. FRANCISCO RENDON (*apparecendo de subito, e empurrando a porta, que esteve fechada até aqui*).

D. FRANCISCO RENDON.

Um homem, que está de posse de teu segredo e que póde frustrar o teu plano.

D. GARCIA VALDEZ.

Que, porventura sabeis.

D. FRANCISCO RENDON.

De todos os teus designios...

D. GARCIA VALDEZ.

E como ousastes, senhor...

D. FRANCISCO RENDON.

Em toda a parte ha vis e fementidos, que em toda a parte ha traidores,

que levam a mão ás cruzes de suas espadas e recebem com a outra o premio de suas perfidias. Ah! tudo está corrompido!... Foi o ouro que aqui me introduziu; foi o ouro que abriu-me esta porta;— o ouro que nos tempos de agora merece entre nós o culto da idolatria! Potencia invencivel que eleva repetis despreziveis á dignidade de homens; voz poderosa que deprime o genio, que louva o pendantismo; chave mysteriosa que abre todas as portas, que franqueia todos os recintos; deos vão, mas que póde outorgar-te tudo, que dá illustração, pompa e magnificencia; que faz de um nescio um sabio, de um cigano um fidalgo! Delle pois te queixa si tenho baldado os teus designios, si a teu máo grado me acho aqui (*com ironia*), eu que nem fui convidado! Não contavas commigo; e eu te buscava por toda a parte; evitavas a minha presença quando a indignação, o odio, o ciume se concentravam no fundo de meu coração contra ti; e ainda em bem; porque o nosso encontro, não ficará só em palavras. Eis-nos pois a sós, dom Garcia Valdez!...

D. GARCIA VALDEZ.

Sem duvida quereis-me intimidar com o conhecimento que tendes de meu segredo e frustrar o meu plano.

D. FRANCISCO RENDON.

Não; eu não prestei esse juramento do festim que exigiste até de meu irmão dom João Matheus; mas não me aproveitarei dessa circumstancia para fazer abortar o teu plano. Combatel-o-hei, mas á peito descoberto, quando elle se apresentar em campo.

D. GARCIA VALDEZ.

Dir-me-heis então o que pretendeis de mim.

D. FRANCISCO RENDON (*com energia*).

Quero uma satisfação!

D. GARCIA VALDEZ (*affectando frieza*).

Estou prompto a vól-a dar, si vos tenho offendido.

D. FRANCISCO RENDON.

Tivestes a ousadia de dizer a algumas pessoas, que tendo eu pretendido

a mão de dona Leonor Bueno, soffrêra uma recusa formal. Não foi assim, dom Garcia Valdez?

D. GARCIA VALDEZ.

Um brinco de minha parte. Estou prompto a retratar-me.

D. FRANCISCO RENDON (*com força*).

E's tão facil em offender como em desculpar-te! Ah! semelhante procedimento não prova que sejas cavalheiro! Não aceito a tua desculpa; quero uma satisfação mais completa, mais honrosa, mais digna de mim. Oh! é mister que te diga tudo quanto sinto; que dê largas á indignação que me suffoca, como que trahbordando do peito; é mister enfim que me vingue de ti, traidor; de ti, indigno, que te atreves a ferir-me em minha honra, certo que não poderia fazer-te o mesmo, porque, ah! é cousa que nunca conheceste, que nunca possuiste. Mas eu tenho uma espada e nossas armas são iguaes; eu para vingar-me de ti, tu para me provares que não é verdadeiro tudo quanto te hei lançado em rosto. Saiamos pois ao jardim e o mais as armas que o decidam!

D. GARCIA VALDEZ.

Vós me offendeis, e muito, procurando irritar-me a fim de que me decida a aceitar o vosso desafio; é escusado, dom Francisco Rendon. Responderêi á vossa temeridade com a prudencia e tanto mais (*a rir-se*) que tenho que apromptar-me para o meu noivado.

D. FRANCISCO RENDON.

Sem duvida porque és um cobardê e tão infame, que quando mesmo eu apresentasse a tua luva em público, não aceitarias o duello e negarias a luva.

D. GARCIA VALDEZ (*com força*).

Pois bem, aonde quèr que apresenteis uma luva minha, provar-vos-hei que não ignoro as regras da esgrima (*com ironia*); de procural-a! (*Vai-se*).

SCENA IV.

D. FRANCISCO RENDON.

Vai, cobardê, vai, que esforçar-me-hei por obter uma de tuas luvas! Miseravell! A affronta foi gratuita, mas o meu desforço custar-te-ha a vida. Pretendeste roubar-me aquella que era o engano desta alma—o único affecto

que me prendia á terra— a derradeira esperança de meu coração na aridez de minha existencia, porém, pelo céo que ella tornará a ser minha! Verei de novo sorrir-me a esperança, e a consolação de vél-a nos meus braços coroará o meu triumpho. Ide procural-a! (*Reflectindo*) Facecia ironica, que talvez te seja fatal! Sim, uma luva! Uma luva de dom Garcia Valdez, e eu impedirei que a sua felicidade contribua para a minha desgraça! Uma luva! . . E esta bolsa cheia de ouro em pó a quem apresental-a!

SCENA V.

D. FRANCISCO RENDON E LAPUERTA.

LAPUERTA.

Mais baixo; olhai que nos ouvem, e.

D. FRANCISCO RENDON.

Quem?

LAPUERTA.

Eu, que me tenho em conta de vosso amigo, pois que . . .

D. FRANCISCO RENDON.

E, aonde estão os papeis que me prometteste, Lapuerta?

LAPUERTA.

Ha sete dias que não vejo a pessoa a quem encarreguei de subtrahil-os.

D. FRANCISCO RENDON.

Chegassem elles hoje, que vinham a tempo, mas d'aqui a duas horas serão quasi que inúteis. Queres tu fazer-me um favor?

LAPUERTA.

Si poder, porque não? Fallai.

D. FRANCISCO RENDON.

E's o homem de quem mais necessito. Inimigo de Garcia, tu lhe preparas a queda sob essa mascara de hypocrisia, que tão bem te fica. Sabe pois que elle acaba de regeitar o duello que lhe propuz. . .

LAPUERTA.

Cobarde! (E entretanto eu no caso d'elle faria o mesmo).

D. FRANCISCO RENDON.

Porém, querendo affectar grandeza de animo, cahiu no erro de affirmar que não se lhe daria aceitar um desafio quando eu lhe apresentasse a sua luva em público.

LAPUERTA.

Entendo-vos; quiz dizer que só desembanharia a espada quando elle se dignasse de vos lançar a sua luva. E nessa não cahe elle. (Assim era elle tolo! E com o casamento á porta!)

D. FRANCISCO RENDON.

Sim, mas eu me contive, disfarcei a ironia, o seu insulto, e quero me servir de seu dicto. Espero pois obter de ti uma de suas luvas. Servir-me-hei della em occasião solemne, e elle que a negue!

LAPUERTA.

Oh! Eil-a que chega! Dirigi-vos a essa mulher, que ahi vêm; fallai-lhe, que ella vos escutará; explicai-vos, que ella vos comprehenderá; pedi, que ella vos dará.

D. FRANCISCO RENDON.

E quem é ella?

LAPUERTA.

Que! pois não conheceis a Cigana?

D. FRANCISCO RENDON.

Sim, a mulher, de quem já me fallaste.

LAPUERTA.

Essa mesma. O sôpro de satanaz bafejou sobre suas faces, que se marearam; a chamma do inferno reflectiu de seus olhos, que se incendiaram; porém seu coração é um coração de amor; seus olhos uns basiliscos que enfeitçam; e sua tez uma fascinação, que enleva.

D. FRANCISCO RENDON.

Não; falla-lhe tu antes; eu te encarrego disso; dá-lhe essa bolsa que tem ouro em pó no valor de vinte S. Vicentes; e promette-lhe mais que eu tudo lhe darei.

LAPUERTA.

Como sois medroso da fascinação! Pois descançai que tudo se fará! Oh com esta magnifica chave não ha portas que senão abram, nem difficuldades que senão vençam! Dêem-me ahi todo o ouro das minas e digam-me cá quem é o rei do mundo!

D. FRANCISCO RENDON.

Sim, descanço em ti; tu me tranquillisas. Apresentar-lhe-hei a sua luva, o penhor de sua palavra, — no meio da multidão, — no dia de seu noivado, — junto mesmo do altar e elle não a poderá negar! Ah por minha vida! Seja eu repudiado pelos homens, renegado por Deos si não souber vingar-me! Elle me ha feito tragar até as fezes da taça do ciuete; eu darei a terra a beber até a ultima gotta de seu sangue! (*Vai-se*).

SCENA VI.

LAPUERTA E MARTHA (*com as mãos nas cadeiras, e o rosto envolto em uma mantilha*).

MARTHA.

Lapuerta! Lapuerta! venho nadando em gosto!

LAPUERTA.

Sim, minha Martha?! E então pelo que?

MARTHA.

Não estou em mim de contente, de alegre, de satisfeita e tudo quanto ha de bom.

LAPUERTA.

Sim, talvez por te haveres ausentado de mim, de maneira que por sete dias não houve saber de ti. E completou-se o teu voto de vingança? Heim?

MARTHA.

Ainda não; ausentei-me. foi longa a ausencia... sete dias! Mas ah, que triumpho, Lapuerta! que triumpho!

LAPUERTA.

O que dizes, que te não percebo! O que fizeste, que ainda ignoro? Avia-te com isso! Mais obras, e menos palavras! Associei-me contigo nessa infernal vingança pelo muito que te quero, e entretanto, minha Martha, tu me tens suspenso por tanto tempo!

MARTHA.

Não és sempre assim tão curioso, meu Lapuerta (*desenvolve o rosto da mantilha*), mas enfim mais obras e menos palavras; eis aqui pois. (*Mettendo a mão no seio e reflectindo*). Mas não, venham primeiramente as palavras. Esta noite foi completa para mim; penetrei no aposento de Garcia, com exito extremamente feliz.

LAPUERTA.

Deverás? E o resto? Acaba, vamos, avia-te, dize depressa.

MARTHA.

Elle dormia no leito como se adormecesse insensivelmente: a lamparina derramava luz tão mortíça que reflectia a medo as paredes, como a lua nos cemiterios. comecei a andar pé ante pé, mais sorrateira que a aragem da manhã quando deslisa mansa e mansa per um lago; approximo-me, ah! desta vez as chaves do cofre estavam sobre a mesa.

LAPUERTA.

E foste tu, pegaste nellas; e depois?

MARTHA.

Sim, e ellas tiniram; olhei e elle dormia, e o seu somno era profundo como o dos finados.

LAPUERTA (*ancioso*).

E então?

MARTHA.

Fui-me ao cofre... abri; achei os pergaminhos; subtrahi-os! (*Tira uns pergaminhos do seio e os apresenta a Lapuerta*).

LAPUERTA.

Martha! ó Martha!

MARTHA.

São alguns inuteis, desprezaremos; outros, porém, são de reconhecida utilidade para o nosso fim.

LAPUERTA.

E chegam a proposito; deixa-me vê-los. Que achado! Quem diz mulher, diz o diabo! Que descoberta!

MARTHA.

Este é a certidão do baptismo. (*Entregando-os á proporção que os examina*).

LAPUERTA.

Serve.

MARTHA.

Este é uma oração contra a peste; inutilisemol-o. (*Querenda rasgal-o*).

LAPUERTA (*tomando-os e ficando com elles*).

Não, que necessito delle; pelo menos não morrerei de peste sem me queixar da sua inefficacia.

MARTHA.

Este é uma carta de seu pai.

LAPUERTA.

Pelo sim, pelo não conserval-o-hemos.

MARTHA.

E este é a escriptura do casamento.

LAPUERTA (*examinando*).

Esse, esse que vale tanto como todos os outros juntos!. E tu não sabes como esses pergaminhos ha tanto tempo ambicionados chegam em occasião opportuna.

MARTHA.

Não contente com todos esses documentos, aproveitei-me da occasião, que lá diz o ditado ser quem faça o ladrão, e por acintes, saquei-lhe este bilhetinho de Amador Bueno, e este embrulhosinho.

LAPUERTA.

Dá-se acaso?.. Quem sabe!. Emfim, que interesse tem tudo isso? Que diz lá o bilhetinho?

MARTHA.

E um offerecimento que lhe faz de um par de luvas.

LAPUERTA (*com curiosidade*).

Um par de luvas?..

MARTHA (*prosequindo*).

Um par de luvas trabalhadas e bordadas com todo o primor por sua filha, dona Leonor Bueno, com o qual deverá se apresentar no noivado.

LAPUERTA (*recbendo o bilhete*).

E o embrulhosinho?

MARTHA (*tirando-o do seio*).

O embrulhosinho contém.

LAPUERTA.

Martha? Serão por ventura!

MARTHA.

Sim, são.

LAPUERTA.

As luvas, não é assim?

MARTHA (*entregando-o*).

Sim, as luvas.

LAPUERTA (*lançando-se-lhe nos braços*).

Martha! mulher incomparavel para as emprezas inspiradas pelo inferno, aqui tens (*dando-lhe a bolsa*), para que não fiquem as boas obras sem recompensa. Eis o premio de teu trabalho! Ouro em pó tão virgem como a terra o produziu, e tão puro como m'ó deram (*Rindo-se*). Vinte S. Vicentes, e vinte S. Vicentes são vinte dias de descanso. Ah desses santos não ha um só que não seja milagroso.

MARTHA.

E agora?

LAPUERTA.

Eu te digo; mas o que vão saber teus ouvidos, não saberá tua boca. Entendes? As luvas são. .

SCENA VII.

OS MESMOS, D. FRANCISCO RENDÓN (*correndo e arrebatando-lhe os objectos*).

D. FRANCISCO RENDON.

Para mim. . e os pergaminhos á Amador Bueno da Ribeira.

CAHE O PANNO.

FIM DO PRIMEIRO ACTO.

II.

O MASCARA NEGRO.

Elles podiam dar em dote ás suas filhas muitas terras, indios e pretos com que vivessem abastados; por isso na escolha de maridos para ellas mais attendiam ao nascimento, do que ao cabedal d'aquelles que haviam de ser seus genros. Ordinariamente as desposavam com seus patricios e parentes ou com estranhos de nobreza conhecida. Em chegando da Europa ou das outras capitaniae brasílicas algum sujeito d'esta qualidade, certo tinha um bom casamento ainda que fosse pobre.

(MADRE DE DEOS, *Mem. hist. de S. Vicente*).

ACTO SEGUNDO.

SALA DA CASA DE AMADOR BUENO

Trastejada ricamente á antiga portugueza; de um lado magnifico toucador, de outro a imagem da Virgem da Graça. Portas e janellas lateraes; ao fundo porta que abrir-se-ha a seu tempo. São 6 horas da tarde: negreja; não tanto pela noite que se avizinha, como pela tempestade cujos trovões se tornam mais distinctos, precedidos de relampagos.

SCENA PRIMEIRA.

D. LEONOR *sentada e como que se mira ao toucador*; ANNA, *atrás, um pouco afastada.*

D. LEONOR.

Anna, podes me deixar.

ANNA.

E estais já prompta, Senhora?

D. LEONOR.

Sim, nada mais me falta; mas olha, dize;— fica-me bem assim o penteado?

ANNA.

Isso não se pergunta! Está que é um mimo; porém essas lagrimas.

D. LEONOR (*interrompendo-a*).

Muitas vezes o riso indica tristeza, e as lagrimas alegria;— porém vai-te; quero estar só.

ANNA (*partindo*).

Porque chorará ella?

SCENA II.

D. LEONOR (*ergue-se, fica pensativa e prosegue depois de alguma pausa*).

Pobre mulher! Pobre mameluca! Alma sincera e boa—Coração todo de bondade!.. Mil vezes reprovou as minhas lagrimas, lastimando o meu estado, como que desejando a minha sorte. Quanto são enganosas as apparencias! Deos te felicite e nunca sejas desgraçada como eu! Notava continuamente que eu chorava, como que grande mal viesse sobre mim; notava, e era em vão que eu buscava reprimir a torrente de minhas lagrimas, que quanto mais me esforçava por contê-las, tanto mais me inundavam olhos; tão de verdade choro! E porque não si tenho um motivo? O que me resta de meus sonhos de ventura?—A triste realidade de um presente, sem esperança e todo circumdado de tormento! Não ha ainda oito dias que eu jurava a dom Francisco Rendon ser sua esposa, pertencer-lhe para sempre, e já hoje nos separa o braço de ferro do destino, que pela voz do inferno me brada:— « Perdei toda a esperança de ventura!— » E amar eu tanto para ter de esquecer o objecto de meu amor! Para esposar a dom Garcia Valdez, a quem sou forçada a dar a dextra e nunca o coração, que transborda de amor, de amor ardente e impetuoso,—mas que não é para elle!. Já sol posto, a hora, a fatal hora não póde tardar! Já ahi se reúnem no solar os convidados, os parentes; já ahi estão promptos os pagens com brandões accesos para guiar-nos; já ahi me aguarda o pai com o dom abbade dos beneditinos e dom Garcia Valdez; e elle. elle sem apparecer!. Si chegando a janella o avistasse. (*A' janella, abrindo a geolosia*) Si eu o visse alli. talvez. (*Vê-se o clarão do fuzil, ouve-se o trovão da tempestade ao longe*). Ninguem!. Tudo é deserto; o horizonte é negro e sombrio como meu coração, e a tempestade fuzila ao longe, e ameaça a terra! (*Retira-se da janella, dá alguns passos pela sala; olha-se depois como que se examina*). Estou prompta, devo ir. . . porém não;—que venham a meu encontro, que me achem aqui banhada em pranto, repassada de dôr e soffrimento, já que me querem tão desgraçada. (*Enxuga os olhos; aproxima-se da imagem da Virgem*). Mas que digo?—Perdôa minha nossa senhora da Graça; esquecia-me de ti na attribuição de minha alma! Tanto póde a dôr que me assoberba. (*Ajoelha-se, põe as mãos para orar*).

A ti que tens de brando o gesto e o peito,
E uma alma de innocencia e de candura ;
A ti que aos desgraçados dás ventura,
Se humilha a peccadora serva indigna :

Attende, ó mãe de amor, virgem da Graça,
Attende os rogos meus;— sê-me benigna!

Não te supplico a posse de thesouros,
Que traz do mundo a gente alvoraçada;
Nem cousa que do mundo cobiçada
Seja de vir de ti menos que digna :

Attende, ó mãe de amor, virgem da Graça,
Attende os rogos meus;— sê-me benigna!

Si tu na mór tristura és alegria,
Si tu no desespero és esperanza,
Si tu na tempestade és bonança,
Ser paz nas minhas dôres te condigna :

Attende, ó mãe de amor, virgem da Graça,
Attende os rogos meus;— sê-me benigna!

Do caminho do mal vêm desviar-me;
Ajuda-me a cumprir meu juremento;
Faze que não me torne um só momento,
Por palavras, e acções de ti indigna;

Attende, ó mãe de amor, virgem da Graça,
Attende os rogos meus;— sê-me benigna!

SCENA III.

D. LEONOR E D. MARIA.

D. MARIA.

Minha irmã! !

D. LEONOR.

Maria!

D. MARIA.

Toda em pranto, prostrada aos pés da virgem.

D. LEONOR.

Era aqui que orava nossa mãe em os dias de sua attribuição, e é aqui que a filha, chorosa e afflicta, eleva humilde seus rogos á mãe commum, que suavisa as penas de todos os infelizes.

D. MARIA.

Tudo está prompto; espera-se por ti, e, é no entanto com as lagrimas nos olhos, com a vermelhidão nas faces que te dispões a receber o teu noivo?

D. LEONOR.

Que me importa? Hei de rir-me quando se devo derramar lagrimas? Conheça elle ao menos que vou pouco contente de mim ao altar; que este pranto é a expressão do constrangimento. Ah! porque não sou tão feliz como tu foste? Tiveste por esposo a quem amavas; não exitaste em dar-lhe a mão, e eu? Minha irmã, este casamento é um martyrio! Martyrio continuo, eterno para todos os dias de minha vida, que só terminará quando não tendo meus olhos mais lagrimas para verter, nem meu coração ais para soltar, vier a morte e com ella a tranquillidade dos tumulos! Eu não queria esse homem para meu esposo, mas ao irmão de teu marido, que nelle se cifravam todos os meus sonhos de ventura.

D. MARIA.

Prometteste-lhe alguma cousa?

D. LEONOR.

Ha oito dias que escrevi-lhe dando-lhe o que me pedia;— a minha mão.

D. MARIA.

Não fizeste bem; o escripto é um documento irrecusavel de tua palavra.

D. LEONOR.

De mais ainda .

D. MARIA.

Um juramento, talvez? .

D. LEONOR .

Sim, um juramento solemne;— um juramento, que é mais do que a palavra. Promessa sagrada que os anjos registram no livro de Deos, que tem por título: « Não jurarás o seu santo nome em vão »— Promessa sagrada, que elle guarda em seu coração, como um garante de amor;— promessa sagrada que elle tem tão presente á idéa, como tinha o Deos de Israel a redempção de seu povo. Apressou-se dom Garcia Valdez em pedir a minha mão; de sorte que quando dom Francisco Rendon chegou, já nosso pai a havia concedido a Valdez sem ouvir-me, lavrando a sentença de minha infelicidade;— cruel sentença, despertar horrivel do sonho em que minha ventura se embalava!

D. MARIA .

E agora?

D. LEONOR .

Agora cumpre obedecer e calar; ir ante ao altar; prestar o juramento que me torna falsaria, e depois ser para todo o sempre esposa de dom Garcia Valdez!

D. MARIA .

Comtudo não parece que elle seja . .

D. LEONOR .

E sabes tu por ventura quem elle é? Si um anjo cahido do céo, ou si um demonio que se evadiu do inferno? A physionomia é a mascara enganadora, que tanto reveste uma alma do céo, como a do inferno! Elle. Ah! longe de possuir as qualidades excellentes de teu cunhado, é um demonio.

D. MARIA (*olhando para dentro*).

Nosso pai . . os convidados. ah, eil-os ahi que vem ao teu encontro.

D. LEONOR .

Que venham;— estou tranquilla .

D. MARIA (*apressadamente*).

Tranquilla? E essas lagrimas e essa perturbação? Ah enxuga os olhos, compõe o semblante, resigna-te.

D. LEONOR (*a enxugar os olhos*).

Em vão! Não se estancam assim tão facilmente as lagrimas da dôr. Vês? Ellas correm em fio pelas face; a dôr que sinto, é como a dôr da morte; e o coração me palpita em sobresalto e não é sem causa! E' o agouro de uma longa serie de infortunios.

SCENA IV

PRECEDENTES; AMADOR BUENO, O DOM ABBADE DOS BENEDICTINOS, DOM JOÃO MATHEUS, RENDON, PEDRO BUENO, LUIZ BUENO, MANOEL BUENO;
convidados de um e outro sexo.

AMADOR BUENO.

Vêm, cara filha, minha prezada Leonor; anceiam-se já os nossos convidados por nos dar os parabens; o dom abbade a nossa espera, aguarda a nossa vontade; não façamos pois que se enfadem da demora.

O DOM ABBADE (*inclinando-se*).

Vossa bondade é excessiva.

AMADOR BUENO.

Não; não o façamos esperar. . (*percorrendo com os olhos em torno de si*).
Mas dom Garcia Valdez?

D. LEONOR (*friamente*).

Ainda não veio.

LUIZ BUENO.

Não poderá tardar. (*Ouve-se o trovão de mais perto*).

MANOEL BUENO.

Talvez se receie da tempestade.

AMADOR BUENO.

Não, que não é para tanto. Dom João Matheus, não vejo aqui o vosso irmão.

D. JOÃO MATHEUS (*com frieza*).

Não foi convidado.

AMADOR BUENO.

E sel-o-ia necessario?

PEDRO BUENO.

Talvez ainda venha.

LUIZ BUENO.

Eis dom Garcia Valdez.

O DOM ABBADE.

Deos o traga em sua divina guarda.

SCENA V.

PRECEDENTES; DOM GARCIA VALDEZ, *que ao entrar saúda respeitosamente a todos, e em particular a dona Leonor que mal lhe corresponde.*

AMADOR BUENO (*a dom Garcia Valdez*).

Vêm, meu noivo e amado filho, que já anciosos te esperavamos. Vêm a encher os nossos votos, e entrar na grande communhão dos nobres e es-
orçados paulistas, recebendo a dextra de minha Leonor.

O DOM ABBADE.

E a benção do Senhor, que sanctifique acto tão solemne, e vos prepare um futuro de infinitas graças.

D. GARCIA VALDEZ.

E eu, senhor Amador Bueno, assás me ufano de merecer a dextra de vossa filha, lisongeando-me do bom conceito que fazeis de mim; e ainda melhor o acolhimento que me dais.

AMADOR BUENO.

E tu nada me dizes, minha Leonor?

D. LEONOR (*perturbada*).

(Meu Deus!)

D. JOÃO MATHEUS (*a dona Maria*).

Ella se perturba!

MANOEL BUENO (*aos irmãos*).

O que terá ella?

AMADOR BUENO.

Emmudeceste, minha filha?

D. LEONOR (*com constrangimento*).

Meu Pai!..

AMADOR BUENO.

Continúa.

D. LEONOR (*na maior perturbação*).

Ah!

AMADOR BUENO (*com resolução*).

Partamos.

D. JOÃO MATHEUS (*gritando para dentro*).

O' lá, pagens, vinde, acompanhai-nos. (*Pagens de diversas côres e librés apparecem com tochas accesas e formam alas*).

AMADOR BUENO.

Vamos.

D. MARIA.

Sigamos, minha irmãa.

PEDRO BUENO (*indicando a porta do fundo*).

Por aqui.

(*Escancaram-se as portas com velocidade; ouve-se grande trovão precedido de immediato relampago. Espanto geral*).

SCENA VI.

PRECEDENTES; UM DESCONHECIDO *com mascara e vestidos negros, á entrada do fundo.*

O MASCARA NEGRO.

Esperai!

PEDRO BUENO (*recuando*).

Ah!

D. MARIA.

Agouro! Agouro!

O MASCARA NEGRO.

Esperai! Faltava um convidado a este acto solemne, que deve ser abençoado por Deos nesta hora em que seus raios cahem sobre a terra! Esperai, porque este convidado tem jus a não ser esquecido, e esse convidado sou eu!

D. LEONOR.

(*Santa Virgem da Graça, é a sua voz!*)

O MASCARA NEGRO.

A mim, dona Leonor Bueno, a vossa mão; eis o juramento que me destes!
(*Mostrando um papel, que tira do peito*).

D. LEONOR.

Ai de mim! (*Esconde o rosto nas mãos; e encosta-se ao genuflexorio*).

O MASCARA NEGRO.

A mim, dom Garcia Valdez, a tua espada (*mostrando-lhe a luva*), eis a tua luva.

D. GARCIA VALDEZ (*perturbado e confuso*).

Minha luva!

O MASCARA NEGRO.

Sim, a tua luva! Pois que! Não a reconheces? Essas letras não são as do nome de D. Leonor?

D. GARCIA VALDEZ.

(Estou perdido!) Eu a reconheço; não me lembra, porém, que a lançasse a um indigno mascarado.

O MASCARA NEGRO.

Mascarado, sim, porque tu também o és. Tu, que usas de um nome que te não pertence. Cigano, aonde está o teu nome verdadeiro? Tu usaste ultrapassando as raias de teu baixo nascimento, apresentar-te sem pejo como pretendente de D. Leonor, porque pensaste que a justiça de Deos se havia olvidado das tuas iniquidades, quando o Senhor tinha escripto: « O máo desaparecerá como a tormenta que passa e com elle definharão as esperanças dos ambiciosos. » Descendente da plebe de Hespanha, eis aqui os verdadeiros testemunhos de teus gloriosos ascendentes! Cigano, eis os pergaminhos de tua nobreza. (*Entrega os papeis a Amador Bueno, que os examina*).

D. LEONOR (*respirando*).

Que tenho ouvido!

D. GARCIA VALDEZ (*com raiva concentrada*).

Muito bem; a coartada é digna de vós. Não retirarei a minha palavra; aceito o desafio. Dizei-me, porém, o vosso nome.

O MASCARA NEGRO.

Tu o saberás; dir-te-hei quando cruzadas as nossas espadas, a morte esvoaçar em torno de nossas cabeças.

D. GARCIA VALDEZ.

E a qualidade do duello?

O MASCARA NEGRO.

De morte!

D. GARCIA VALDEZ.

As armas?

Nossas espadas.

O MASCARA NEGRO.

O tempo?

D. GARCIA VALDEZ.

O MASCARA NEGRO.

Amanhã, ás 8 horas do dia!

D. GARCIA VALDEZ.

O lugar?

O MASCARA NEGRO.

Aonde nos encontrarmos.

D. GARCIA VALDEZ.

As testemunhas?

O MASCARA NEGRO.

Deos e o povo!

D. GARCIA VALDEZ.

Deos e o povo!..

O DOM ABBADE (*entre elles*).

Filhos, um duello...

O MASCARA NEGRO (*interrompendo-o*).

E' o julgamento de Deos.

O DOM ABBADE.

Do inferno, que Satanaz é quem vos arma as dextas com as espadas da dissensão. Um duello é contra os preceitos de Deos que prohibe o homicidio a seu povo, porque está escripto:—« Não matarás, e aquelle que ferir com o ferro pelo ferro será ferido ». — Filhos, eu vól-o prohibo em nome de Deos.

O MASCARA NEGRO (*passando por dom Garcia, e quasi ao ouvido*).

Até amanhã, cigano! (*Vai-se*).

D. GARCIA VALDEZ (*estremecendo de raiva*).

Até amanhã!

AMADOR BUENO.

Minha filha, minha Leonor (*abraçando-a*), eu ignorava tão execrando embuste; tu me perdoas, não é assim?

D. LEONOR.

Bem mrep esagiava o coração, meu pai!

AMADOR BUENO.

Dom abbade, vamos (*trava-lhe do braço*); pagens, que as minhas portas se fechem para todo o sempre a esse homem. (*Retiram-se todos; D. Maria conduz D. Leonor; os pagens demoram-se ds portas do fundo; dom Garcia Valdez fica pensativo, e como que entorpecido*).

SCENA VII.

PAGENS, E DOM GARCIA VALDEZ.

D. GARCIA VALDEZ.

Ainda tenho recursos de que lançar mão. Sim, ennobrecer-me-hei por acções dignas de qualquer cavalleiro, fundador dessas antigas e nobres casas, que plebeus foram todos elles. Sim, ganharei de novo a estima de Amador Bueno, que lisongeado por sua elevação ao throno devida a meus esforços, não se dará de restituir-me a mão de sua filha. Leonor, será minha outra vez. porém, que idéa horrivel. o duello! o duello! Que de incerteza!. Um duello de morte!. morrer! Ah eu tenho medo de morrer!. Jogar nessa parada tão incerta. arriscar a vida na flôr da mocidade! E por quem? Por uma mulher, seducção infernal! Um duello de morte com dom Francisco Rendon, a quem procurei sempre evitar! O meu ou o seu cadaver para a terra.. A minha ou a sua vida.. A minha, para soffrer o effeito terrivel de seu anathema; a sua, para dona Leonor!.. Ah é horrivel depender assim da sorte!. E como soube elle de tudo? Quem daria a esse homem que jurou perder-me todos os pergaminhos? Quem lhe

entregaria essa luva, que não pude negar, essa luva fatal com as letras do nome da mulher, a quem eu tanto amo? Quem?

SCENA VIII.

PAGENS, DOM GARCIA VALDEZ, MARTHA *com o rosto involto n'uma mantilha e as mãos apoiadas na cintura, aparecendo subitamente que mal se saiba donde veio.*

MARTHA.

Eu!

DOM GARCIA VALDEZ.

E quem és tu?

MARTHA.

O teu máo genio, que só apparece em tuas calamidades para saudar-te, com um riso de vingança!

DOM GARCIA VALDEZ *(recuando; cheio de horror).*

Martha?! Será possível!

MARTHA.

Duvida-o cigano? Pois reconhece-me *(descobre o rosto e deixa-o ver com o seu riso sardonico de costume).*

DOM GARCIA VALDEZ *(cahindo suffocado).*

Ah!. *(Martha desaparece; cahe o panno rapidamente).*

FIM DO SEGUNDO ACTO.

III.

O ENCONTRO INESPERADO.

Os Hespânhos que se achavam estabelecidos e casados na villa de S. Paulo... resolveram entre si usar de artificio, esperando conseguir por meio da industria o que não haviam de alcançar, si fossem penetrados os seus designios.

(MADRE DE DEOS, *Mem. hist. da cap. de S. Vicente*).

ACTO TERCEIRO.

APOSENTO DE DONA LEONOR.

A um lado uma cama com cortinados de damasco, preparada como para uma noite de noivado; em baixo um estradosinho tapizado. No meio uma meza com candelabro e vélas accesas, rodeada de cadeiras. Do outro lado uma porta pequena fechada. No fundo uma janella de rotula ou gelosia, que quando aberta deixa vêr a claridade da lua banhando os arvoredos e montes. E' alta noite; soam doze badaladas n'um sino, ao longe.

SCENA PRIMEIRA.

D. LEONOR *vendo o que se passa atravez da gelosias*; D. MARIA *entrando*.

D. MARIA.

Ainda estás acordada? Suppunha que já dormias.

D. LEONOR.

E pôde repousar-se quando temos a alma e o coração em alvoroço? Deitei-me, mas o somno não veio em meu auxilio; ouvi musica suave como vinda de longe, ergui-me, abri a janella para escutal-a e eis por que me não achas no leito.

D. MARIA.

Muito gostas da musica.

D. LEONOR.

E tu não gostas? Por ventura não são interessantes esses grupos de mameucos, sentados em tôrno das fogueiras, cujos clarões reflectem dos amorenados semblantes, aquecendo-se ao lume, tangendo seus rudes instrumentos, e entoando seus cantos com essa voz tão monotona porém tão cheia de melancolia? Olha esse grupo que ahi vai a dispersar-se? Agora ao repouso e amanhã ao trabalho? Como são felizes esses homens! Oh elles não sentem tão fortemente como nós essas paixões ardentes em que labu-

tamos de continuo, como a serpente de nossos bosques no meio das chamas que se esforça para extinguir.

D. MARIA.

E as paixões não são a partilha de todo o genero humano?

D. LEONOR.

Mais para uns do que para outros; e antes, oh mil vezes antes não fossem! De que me serve a distração? *(fecha a janella)* Por toda a parte encontro tristes recordações para a minha alma. Não. esta vida assim, não é para viver-se!

D. MARIA.

Já soffreste mais. Julgo-te agora mais feliz, e póde ser que ainda venhas a ser.

D. LEONOR.

Acaba; dize o resto.

D. MARIA.

Esposa de dom Francisco Rendon.

D. LEONOR.

E aonde está elle? Porque não veio pedir-me em casamento? Acreditei ouvir a sua voz nas palavras desse máscara negro, e ainda mais me confirmou aquelle dizer, que traspassou-me o peito, como um ferro agudo: « A mim a vossa mão, eis o juramento que me déstes! »

D. MARIA.

Talvez espere pela decisão desse duello maldicto; e si fôr elle a victima, minha irmã?

D. LEONOR.

Eu só tenho uma resolução que tomar, e então as portas do convento de Santa Theresa se hão de abrir para mim, e quando as vozes do sino dos mortos rolarem na immensidade convidando a terra o seu cadaver, a campa das reclusas anunciará tambem — que morri para o mundo — que vivo junto do altar para pedir a Deos por sua alma.

D. MARIA.

Deos não permittirá tal infelicidade. Entretanto custa-me a crêr que Garcia seja um cigano. Não ha um só indício que o confirme a não serem esses pergaminhos, de cuja authenticidade não duvida nosso pai.

D. LEONOR.

Nunca vistes uma mulher que com o rosto involto em uma mantilha e as mãos pousadas nas cadeiras percorre todas as ruas da cidade?

D. MARIA.

A cigana?

D. LEONOR.

Sim, a cigana. Pois ella me disse não ha muitas horas, desenvolvendo-se de sua negra mantilha, e com esse ademan do costume, que é um sorriso de accintes inalteravel, e deixando vêr dous negros olhos que tanto se realçam nessa tez bronseada de seu semblante: « Não vos caseis dona Leonor, com Garcia; não ligueis a vossa alma a sua, que pertence ao inferno, que é um demonio revestido das apparencias humanas. Quando não houvesse um mascara negro, que frustasse esse consorcio ou por alguns dias ou para sempre, haveria uma mulher, cuja palavra romperia a sagrada união, e ante a qual seriam inuteis todas as observações, todos os triumphos, todos os artificios de seu genio. » Disse e involvendo o rosto no véo, sumiu-se como uma apparição sinistra, que surge sem se saber de onde, que desaparece sem se saber como.

D. MARIA.

E' uma mulher mysteriosa.

D. LEONOR.

Tudo isto me afflige como tu nem pensas. Necessito de repouso, quero socego e o somno me foge, e uma perturbação contínua, um sobresalto, que senão explica, me acompanham, me seguem como a minha propria sombra. Vou fazer um esforço e talvez ainda comsiga dormir e esquecer por momentos tantas afflicções.

D. MARIA.

Póde ser. Desterra essas idéas que se agitam em tua alma e o somno virá em teu allivio. Até amanhã.

SCENA II.

D. LEONOR *sentado junto a mesa ; tira uma cartinha do seio e começa a lê-la.*

Quero lêr ainda uma vez esta carta: « Snra. — O mascara negro vos pede uma entrevista, certo de que lh'a concedereis a sós comvosco, esta noite, a primeira badalada, quando tudo repouse. Cantará sob vossa janella, e vós podereis abril-a a esse signal. » Não tem assignatura; é escripta ás pressas; mal assemelha-se a letra com a sua. Que deverei fazer? Uma recusa será a minha resposta. porém. . sim, estou resolvida; nada de excitação. Si alguém passar. si meu pai. si Anna. . si alguma pessoa de casa vêr. Ah tremo só em pensal-o! Que objecto o levaria a pedir-me assim tão facilmente uma entrevista, a sós comigo, a taes deshoras, quando me póde vêr e fallar sempre que o queira? Sem duvida grande interesse. E si eu recusar-lhe, quem sabe o que me succederá? Que incerteza! Que indecisão completa! Como subtrair-me della sem me expôr a algum perigo? Não; não recusarei. Hei de tranquilla esperar pelo seu resultado. Minha Santa Virgem, sou tua filha, e tu não me desampararás. . . Passos? Alguem chega. (*Levanta-se e mette o escriptinho no seio*). E' Anna. (*Senta-se e apoia a cabeça no braço que descança de encontro a meza*).

SCENA III.

D. LEONOR, ANNA.

ANNA.

Como estais pensativa!

D. LEONOR.

E por ventura não tenho em que pensar?

ANNA.

Si tendes! Até muito. Não era hoje que devieis esposar ao muito gentil e nobre dom Garcia Valdez, esse bello cavalleiro hespanhol?

D. LEONOR.

Sim, mas Deos permittio que assim não fosse.

ANNA (*rindo-se*).

Que o não querieis por marido já eu o sabia.

D. LEONOR.

Então já não ignoras porque eu chorava?

ANNA.

Quasi que o advinhei, mas nem tudo quanto se suspeita se diz, e porque não me confiastes esse segredo de vosso coração? Receaveis por ventura que a vossa mameluca, que vos criou com o seu proprio sangue, podesse trahir-vos?

D. LEONOR.

Oh nem pensar nisso; mas o remedio, Anna, não estava em tuas mãos; amofinar-te-hia com a narração de meus soffrimentos e com que proveito?

ANNA.

(E' uma alma excellente!) Mas essa tristeza...

D. LEONOR.

Dizem que o mar se agita ainda depois da tempestade. E aqui Anna, (*apontando para o coração*) ha ainda o quer que seja que me opprime.

ANNA.

E não haverá cura para esse mal? Para que concentrais a vossa dôr? Reparti-a ao menos comigo.

D. LEONOR.

Ahi se eu podesse! Pergunta ao caudaloso Tietê, que por ahi corre, por que se conserva turvo e feio depois de suas enchentes.

ANNA.

Para tudo ha remedio, e o somno traz muitas vezes refregerio a nossos males. São horas de dormir; a noite já vai adiantada; vinde deitar-vos.

D. LEONOR (*dissimulando*).

Sim; lembras bem; peza-me o somno sobre as palpebras, e convêm-me sem duvida o repouso. Estou cansada de pensar.

ANNA.

O leito está prompto... estava, que era para o noivado! (*Surri-se; arregaça as cortinas da cama; dona Leonor sobe o estrado, senta-se, e por fim recosta-se na cama*). Dormi e não sonheis com o noivo. Vou-me tambem deitar que já cantam os gallos. (*Apaga algumas luzes e vai-se*).

SCENA IV

D. LEONOR.

Já não sinto passos. . . estou só, só como desejava ficar (*descendo da cama*). Descerei com a maior precaução. Na verdade eu tenho medo... receio. . . temor... um não sei-que que me tolhe os passos. Ah! e porque não abri antes este coração malfadado a minha mameluca? Porque não a conservei a meu lado? Seria ella o meu anjo da guarda... E não tenho eu por ventura um que me deu Deos? (*como que orando*) Véle elle sobre a minha innocencia; guie elle os meus passos e me desvie dos precipios deste mundo. Abramos esta janella. Estou como que suffocada! Falta-me o ar ao coração; quero respirar!.. (*abre a janella*) Que socego que reina nestas desertas ruas da cidade! Brilha a lua n'um céu de estrellas! Dissipou-se a trovoadá ao bafo puro, sereno e perfumado da noite e tudo tornou-se suave e melancolico e por isso grato a minha alma. (*pausa*) Elle não póde tardar (*pausa*) Ha muito que sôu meia noite, e a primeira hora do dia está quasi a desprender-se. Não viesse elle que seria mil vezes melhor para mim. (*Sahe da janella, dá alguns passos pelo aposento*) Ah!.. (*Recuando, assustada*).

SCENA V.

D. LEONOR, D. FRANCISCO RENDON, *entrando pela porta pequena.*

D. FRANCISCO RENDON.

Dona Leonor!

D. LEONOR.

Quem sois, Snr.?

D. FRANCISCO RENDON.

Francisco Rendon!

D. LEONOR.

E' possível? E por aqui?

D. FRANCISCO RENDON.

Sim, e porque o estranhais? Haverá obstaculo algum na terra que eu não procure assoberbar só para vos vêr, só para vos possuir? Eis a chave que para abrir esta porta me transmittio vosso cunhado dom João Matheos Rendon. Necessitava vêr-vos, queria fallar-vos, e quem sabe si pela ultima vez? E a que tempo não espero eu por essa hora, que não sei si será bem dita ou amaldiçoada, só, junto do altar do oratorio, que felizmenté não foi manchado pelo mais tremendo sacrilegio..

D. LEONOR.

E' impossivel comprehender-vos! Explicai-vos melhor.

D. FRANCISCO RENDON.

Sim, é impossivel comprehender o coração que senão ama; pois bem, explicar-me-hei melhor, dona Leonor. Aqui tendes a luva com o vosso nome, e pela vossa propria mão restitui a quem vôl-a mereceo, porque com ella lhe dareis tambem a vida!..

D. LEONOR.

Será possível, dom Francisco Rendon, que assim me injurieis? Em que vos offendi? Não vos tenho mil vezes protestado o meu amor? E não possuio o meu juramento? Que mais vos faltará? Dizei-o, que vos conjuro.

D. FRANCISCO RENDON.

Ah falta-me tudo,— tudo porque para ser feliz não possuo o vosso coração, não mereço o vosso amor. Dêstes-me um juramento, e será elle leal? Poderei acreditar nas vossas palavras?

D. MARIA.

E a prova, Senhor, e a prova?

D. FRANCISCO RENDON.

E a prova, e a prova? Ah! desgraçadamente para mim ella existe; ahi a tendes em vosso procedimento, a estas horas, a sós, acordada, recostada a essa janella, esperando, não por aquelle a quem dissestes: « Precisaes do fogo do amor para reanimar a vossa existencia? Aqui tendes o meu coração, fornalha ardente onde me abraso por vós! Precisaes de lagrimas para alimentar a vossa vida? Aqui tendes nos meus olhos as que verto derramadas pela saudade de vossa ausencia! Quereis uma alma afinada pela vossa alma, um peito igual ao vosso peito, que unidos sintam todos os prazeres, que associados compartilhem todas as dôres? Eis minha alma, aqui está o meu peito! » Não por mim, que vos venéro, que vos amo, que vos adoro, que deliro na febre da paixão que escalda e me devora as entranhas, que sonho para vos vêr na minha imaginação escandecida, bella como um anjo, derramando em meus ouvidos torrentes de harmonia, balbuciando phrases de amor, repetindo no meio dos ais e dos queixumes o meu nome... e depois fugindo como uma sombra que se extingue para todo o sempre! Aqui, a sós, aguardaveis o perfido que ousou pedir-vos uma entrevista, e que não faltará a sua promessa. Ah! eu sei de tudo; sim, por desventura minha, eu sei de tudo, dona Leonor, de tudo. Os vossos segredos me estão patentes; esse véo em que se envolve o vosso coração, é nada para meus olhos, que nelle lêem... ah nem sei o que elles lêem!.. Uma mulher mysteriosa, anjo ou demonio que associou-se a minha vingança, me instruiu do que se tinha de passar neste aposento a uma hora da manhã. Julgai de minha raiva, de meu odio, de meu zelo, de tudo isso emfim, accumulado sobre este peito que só respira por vós, quando cria ter e para todo o sempre, me libertado de um homem odioso e perverso, vos arrancando ao seu embuste, e o vejo pelo contrario zombar de meus esforços e triumphar de novo! Fugir, desamparar-vos para sempre, e ir-me esconder de tão atroz

vergonha, tal foi a minha primeira idéa no arrebatamento da minha ira. Mas não; ha na desgraça a resignação e essa me deteve, e essa me conduzio ao vosso aposento. Vós me pedistes a prova? Eil-a ahí! Não é pois uma injuria, e no entanto, dona Leonor, onde está a vossa innocencia? Defendei-vos, confundi-me. A vossa victoria será tambem o triumpho de meu amor.

D. LEONOR.

Que sonho! Que pesadello horrivel se apoderou de vós! O que dizeis que vos não comprehendo? Fallais comigo, dom Francisco Rendon? Será possível que aquelle a quem eu amo, como nunca ninguem amou na terra, me faça cúmplice de tanta perfidia? Ou não acreditaes na sinceridade de meu amor, na pureza de meu juramento só para me expordes a novas provações? A quem sinão a vós esperava eu receber, incerta, ánciosa, vacillando entre o temor e a vergonha, entre o receio e a esperança. . . já achando o praso longo. já temendo que a hora soasse!. E quem sinão vós escreveria este bilhete? (*mostrando-o*).

D. FRANCISCO RENDON.

Eu? (*Examinando-o com curiosidade*).

D. LEONOR.

Não fostes vós? Dizeio-o, dizei-o sem exitação, que talvez seja eu victima da mais negra perfidia possível. Eu suppunha que esse bilhete era vosso, porque suppunha que esse mascara negro ereis vós. E a quem neste mundo poderia eu conceder uma entrevista sinão a dom Francisco Rendon? Não possuís o garante de minha fidelidade? Não vos jurei amor? Que mais vos posso dar? De que mais necessitais? Si acreditais na palavra de um Paulista, duvidareis do coração de uma Paulistana? Achareis no peito de uma Hespanhola mais amor, um fogo mais violento em que vos abraçais, porém mais constancia, mais firmeza do que em nós. . . ah permiti que o duvide! Amamos, mas não mentimos! D'entre os nossos carinhos, e meiguices não surgem os espinhos venenosos que enluctam a existencia dos amantes. Não abraçamos com um braço o peito em que ateamos um oceano de fogo e amor, escondendo com o outro o punhal homicida, que a seu tempo ferirá o desgraçado que se entrega a nossas caricias! A corrupção de vossas côrtes europeas ainda não penetrou as nossas cidades,

e quando venha, se quebrará, como ante muros de bronze, de encontro aos frageis peitos das nobres Paulistanas.

D. FRANCISCO RENDON.

E' assim, eu o sei; e entretanto, eu já possuia o maior garante de vosso amor; vossa mão já havia registrado o juramento que balbuciam os vossos labios e vós caminhaveis ao altar. e vós ieis a offerecer a Garcia essa mesma mão. . . que eu beijei com o coração trasbordando de alegria, com os labios ardentes e a imaginação repleta de tanto sonho feliz, que para logo se esvaeceu!

D. LEONOR.

E com que passos caminhava eu altar? Ah que mil vezes pensei que iria em braços, tanto vacilava sobre elles! E o coração, como o tinha eu? Cumprimido por tudo quanto ha ahí de soffrimento, como si um braço de ferro m'o apertasse, sem poder gemer, sem poder mandar um ai aos labios porque os labios deviam pronunciar um juramento sacrilego. Obrigada a obediencia filial, que deveria eu fazer? Quando o pai nos diz: « Eu quero; é para a tua felicidade; obedece-me! » Elle não consulta, não pede; — elle manda! A' essa voz não ha resistir; é preciso inclinar a cabeça e ceder. Mas a esperanza é para nós, como a andorinha para o seu ninho, que nunca esvoaça longe d'elle, sempre em tórno, e essa a tinha eu. Sim, um como presagio me animava, como que me dizia: « Caminha; é ante seu altar que Deos ha de salvar-te! » Oh que o coração não mente. Não foi um sonho, foi um vislumbre da realidade que estava tão perto. Como a victima, eu caminhava para o altar do sacrificio misturando com as minhas flôres as minhas lagrimas, certo que um braço me salvaria, como o anjo do Senhor suspendeo a espada de Abrahão, e deteve o golpe de sobre a cabeça de Isaac. E que nome vos daria eu, senhor, si não me salvasseis como o fizeste então? Si não corresseis a lançar-vos entre mim fragil, desprotegida, e esse desgraçado, que queria prender-se a uma mulher só para condemnal-a por esse casamento a viver tão sómente de suas lagrimas até esconder-se para sempre no seio do sepulchro?

D. FRANCISCO RENDON.

Leonor! Leonor! Desvaneceu-se o sonho, o delirio. . . A realidade pura e brilhante se patentea a nossos olbos; parece-me que renasço, que a existencia se me adóça, e que o peito se me alaga de satisfação e contentamento!

Vós sois e sereis sempre a minha Leonor, o meu primeiro e unico affecto! Nem podieis faltar ao vosso juramento, que não é ahí a mentira dos labios dos anjos! E no entanto, ó miseravel, ó nescio! eu accusei-vos; cheguei a supôr que a leviandade vos teria desvairado; que esse amor tão ardente e impetuoso em que vos abrasais era vário e inconstante, como a face do mar exposto ao mais leve sôpro dos ventos, e que outro em fim era mais feliz, mais venturoso do que eu! (*Ajoelhando-se*). A vossos pés, beijando a fimbria de vossos vestidos, abraçado com os vossos joelhos, regando este chão com o pranto de meus olhos, eu vos peço perdão! Leonor! (*levantando-se e abraçando-a*), meu anjo! Esqueçamos para todo o sempre esses instantes de martyrio, esses momentos de horrivel pezadello! Sim, arranquemos essa pagina negra do livro de nossos amores! Não nos separemos mais, nunca mais, e nossos corações palpitem sempre unidos, confundam-se as suas pulsações, como os votos puros e sinceros de nossas almas! Oh! e a felicidade, e a felicidade eterna como uma bençam do céo, corde nossa existencia!

D. LEONOR (*duvidosa*).

A felicidade! A felicidade eterna! E depois..

D. FRANCISCO RENDON (*afastando-se*).

Que receais? Que presentimento terrivel vos veio enlutar o coração? Que pensais? Não vêdes, meu amor? A tempestade dissipou-se; um céo de estrellas nos cobre, como um anjo com suas azas scintillantes; a terra se nos abre em flôres, como um oceano que se encrespá ao sôpro da aragem; cercam-nos as illusões da vida, e a existencia, ampliando-se no horizonte da esperanza, se adoça e se surrí fagueira para nós.

D. LEONOR.

Sim, mas não vos pôsso ainda perder? E o duello... e a morte. negra nuvem que marêa o céo dourado, que nos protege.

D. FRANCISCO RENDON.

Que dizeis, desgraçada, que pela primeira vez me communicaes o estremecimento do medo! Perder-vos! Pôssso ainda perder-vos? Oh que lembrança cruel! Gotta de absyntho, que tolda a taça que libava no festim dos prazeres!. Mas não; Deos abençoará nossa união. Lá junto ao altar tenho

um sacerdote, e amigos que nos aguardam; e aqui temos esta porta que vai ter ao oratório... ah vinde comigo... e amanhã, esse braço animado pela benção da santa união, zombará do poder da morte, alçar-se-ha triunphante, e proclamará ao mundo que deve sua victoria a Leonor!...

D. LEONOR.

E eu póssô... e eu devo? Mais tarde, dom Francisco Rendon, breve... um dia... amanhã, e essa união será legitimada pela approvação de meu pai, que vos estima, que vos é agradecido, como eu vos sou por me haverdes arrancado ao embuste desse traidor. Sim espera, e a felicidade eterna...
(*Uma badalada; ouvem-se os sons de um violão ou guitarra*).

D. FRANCISCO RENDON.

Que ouço!..

D. LEONOR.

Ah!

D. FRANCISCO RENDON.

Maldictol..

UMA VOZ (*fôra, ao som da guitarra*).

Alta noite! Tudo dorme,
Tudo é silencio na terra,
Nem si quer nos ares erra
Negro mocho gemedor!

Oh que horas tão propicias
Para quem geme de amor!

Sob a avara gelosia
De seu bem caro, adorado,
Ancioso o praso dado
Espera o seu amador.

Vêm saudosa e grata amante,
Que por ti suspira amor!

Leonor, meu doce anjo,
Vêm que bate a hora primeira!
Vêm pela vez derradeira
Abraçar o teu cantor!

Em teus braços ache vida
Quem por ti morre de amor!

Só por ti affronto a morte,
E esta vida, por ti amada,
Ao cruel golpe da espada
Vou por ti contenté expôr.

Oh por mim seja o triumpho,
Que por ti é meu amor!

Já se abre a gelosia,
E' hora da despedida;
Podesse aqui minha vida
Findar da saudade a dôr.

Vêm, saudosa e grata amante,
Tua porta abrir a amor.

SCENA VI.

D. LEONOR, D. FRANCISCO RENDON, GARCIA, *com máscara
e vestimento negro.*

GARCIA *com voz baixa.*

Dona Leonor!

D. FRANCISCO RENDON *(querendo occultal-a com o corpo e pegando-lhe na mão).*

Silencio!

GARCIA.

Dona Leonor!

D. FRANCISCO RENDON *(adiantando-se com voz horrivel).*

Garcia!

GARCIA *(estremecendo).*

Que voz é esta?

D. FRANCISCO RENDON.

E' a minha voz, Garcia, é a minha voz! Sou eu, dom Francisco Rendon, que vim cumprir a promessa que contrahiste em nome do mascara negro da noite do noivado.

GARCIA.

Que! E vós soubestes. .

D. FRANCISCO RENDON (*tirando-lhe a mascara*).

Cigano, os teus segredos perderam o sigillo para mim, e o teu rosto não precisa se mascarar para commetteres uma acção reprehensivel; nem és um cavalleiro, nobre pela tua ascendencia, illustre pelo teu nome, glorioso pelos teus feitos, que te envergonhes de provocar um duello com um vil plebeu. E que pensavas tu com essa mascara enganadora? Que obstaculo algum na terra se opporia a teu designio? Pensas que me tenho esquecido da tua promessa solemne aos conjurados quando te comprometteste a pôr a frente da conjuração a nobre filha de Amador Bueno?

D. LEONOR (*levantando as mãos para o céu*).

Grande Deos, que tenho ouvido! . .

. D. GARCIA VALDEZ.

Cavalleiro, que em tal conta vos tendes;— fidalgo, que por tanto vos ufanaes, essas provocações são indignas do vosso character. Que quereis? Não será acaso comvosco que as nossas espadas se cruzarão esta manhã? Renunciareis o desafio?

D. FRANCISCO RENDON.

Cigano, a vingança do céu repousa na bainha de minha espada; minha dextra aguarda o signal do Eterno; tuas iniquidades foram lançadas n'uma concha da balança da justiça, e não houve o que lançar na outra; e tua alma foi reclamada pelo inferno. Não será pois allegando preceitos prescriptos sobre o duello, que ousarás fazer taes admoestações. Agora resta que saíamos quanto antes deste aposento.

GARCIA.

Podeis vos retirar quando quizerdes; ide esperar-me por essas ruas, ide

aguardar a hora fatal (*dirigindo-se a dona Leonor*). Snra., nada vim exigir de vós para mim;—cigano, devo adorar-vos em segredo, abrasar-me nas chamas do amor violento, e devorar minhas lagrimas; nada pois quero sinão para vós e vosso paiz. Proclama-se Amador Bueno nosso rei, trata-se de dar independencia a vossa patria, e o povo necessita da vossa presença, como um prestigio, que o guie á victoria. Apinham-se sob a vossa janella muitos dos conjurados, e os conjurados aguardam a vossa resposta.

D. LEONOR (*a D. Garcia*).

Os descendentes de Cahy Uby, de Tibiriçá, dos Ramalhos, dos Laras, dos Castanhos, não necessitam de uma fragil mulher para guial-os a victoria; o prestigio está ahi nos feitos gloriosos de seus antepassados. Ah por piedade retirai-vos! (*a dona Francisco Rendon*). Sr., o que devo fazer? Este homem me perde! Ah quem me socorrer? Ah meu pai! E a vergonha desta entrevista? Ah isto é horrivel, meu Deos! horrivel, o mais horrivel! . .

D. FRANCISCO RENDON.

Miseravel! A minha espada aguarda na bainha a hora da vingança, quando não a robustez muscular de meu braço já te haveria arremessado desta janella aos teus malditos conspiradores. Retiremo-nos pois, que não me esqueça o que te devo; nem mais uma palavra; nem mais um movimento, que não seja para partirmos.

GARCIA (*a dona Leonor*).

Pois bem, não vos importunarei por mais tempo (*a dom Francisco Rendon*). Mas ficai certo, que não cêdo ás vossas insinuações: escutai!. (*Gritos populares, vozes de sinos, musica mais ou menos distincta, e fortes sons de trombetas e rufo de tambores, annunciam a revolução*).

D. LEONOR (*indo ao fundo da scena, tornando para o meio e observando o movimento*).

Que sussurro é este? O que quererá dizer tudo isso?

GARCIA.

E' o grito animoso do povo que se apinha por todas as ruas, que invade

todas as praças, que enche tudo de sua voz. São os sinos,— são as trombetas,— são os tambores que soam como um só bradar, como o bradar de uma revolução. E' a expressão de uma grande idéa que vai-se a realisar, e desde este instante Amador Bueno é rei! Correi a elle, congratulai-o! Garcia traçou o plano da conjuração;— o filho da plebe de Hespanha o proclama com o povo;— o cigano vai dar-lhe uma corôa e um sceptro, um throno e um reino!..

D. FRANCISCO RENDON.

Sim, é o bradar de uma revolução que se converterá em gemidos. O povo! O povo! (*ironico*) Mar que se ergue em escarceos medonhos ao sôpro do tufão, e que recúa ante as frageis barreiras que lhe prescreveo o Eterno!. Desencadeaste a desordem?— Teme, filho de Saturno, tu serás devorado por teu pai. Eu desembainho a minha espada.

GARCIA.

E eu a minha espada. (*Desembainhando ambos as espadas*).

D. FRANCISCO RENDON:

E juro não embainhal-a sem primeiro derribar a tua obra.

GARCIA.

E eu sem consolidal-a com o sangue de seus oppositores.

D. FRANCISCO RENDON.

Tu pela canalha, eu contra a canalha;— partámos!

GARCIA.

Partámos! (*Dom Francisco Rendon aponta com a espada a porta por onde entrou para sahirem; Garcia o segue*).

D. LEONOR (*descendo e vindo cahir sobre uma cadeira*).

Oh meu Deos! meu Deos!..

SCENA VII.

D. LEONOR, D. MARIA.

D. MARIA (*correndo sobresaltada*).

Leonor, minha irmã! Não ouvís a voz do povo, o tangido dos sinos, o toque das trombetas, o rufo dos tambores? Um rebatel. Porque será?

D. LEONOR.

E' uma revolução! E' o povo que se alevanta como um só homem, e aclama a Amador Bueno por seu rei!

D. MARIA (*cahindo em joelhos*).

Que tenho ouvido! (*pausa pequena*) E qual será o resultado de tudo isso?

D. LEONOR (*erguendo-se e apontando para o céo*).

Só Deos o sabe!

CAHE O PANNO.

FIM DO TERCEIRO ACTO.



IV.

OS CONJURADOS.

Um grande numero de pessoas de todas as classes, acclamando unanimemente por seu rei a Amador Bueno da Ribeira, correram cheios de alvoroço e enthusiasmo a congratular-se com elle.

(MADRE DE DEOS, *Mem. hist. da cap. de S. Vicente*).

ACTO QUARTO.

PRAÇA DO COLLEGIO DOS JESUITAS EM FRENTE AO MESMO.

SCENA I.

Algumas pessoas do povo espalhadas pela praça: LUIZ BUENO, PEDRO BUENO.

LUIZ BUENO.

E' certo, Pedro Bueno, que a nossa irmã Leonor se acha á frente do movimento?

PEDRO BUENO.

Isso tinha que vêr! Graças a Deos que de semelhante cousa a livrou a sagacidade de dom Francisco Rendon. O que esse cigano não pôde obter por meio do casamento procura agora ganhar com a revolução. Miseraveis, de tudo hão de tirar partido.

LUIZ BUENO.

E de que acordo está nosso pai?

PEDRO BUENO.

Muito se tem indignado com essa revolução; oppõe-se a ella abertamente e jura guardar a todo o transe fidelidade ao nosso rei.

LUIZ BUENO.

Embora; eu partilho a opinião do povo, e com elle participarei todos os perigos. Em que é inexequivel tão grande idéa? Porque não havemos nós ser independentes e ter um rei proprio? Não somos nós um povo illustre;

os descendentes desses Paulistas desinteressados e generosos, porém altivos, que hão por vezes supplicado ao governo da metropole que não lhes mandem por generaes e governadores senão pessoas da primeira grandeza do reino, porque não sejam nobres governados por plebeus? E que temos nós que temer si a posição de nosso paiz nos é tão favoravel? Onde nos poderão pôr cerco, que nos subjuguem pela fome, já que pelas armas não ha reciar? Dominemos o Cubatão, e deixemos que em baixo da serra se reunam todos os exercitos do mundo, e poderemos dizer com orgulho a nossos inimigos: « Retirai-vos, que aqui não ha que fazer » Temeis a fome? Temos víveres de sobejo. Ferteis e pingues campinas nól-os offerecem em demasia para que possamos dispensal-os a nossos sitiadores! Mas não; vós recusaes um throno, porque vos amedrontaes com o cadafalso! Recusaes um sceptro, porque para defendel-o é necessario empunhar a espada! Aonde está o proveito sem o trabalho? Aonde a gloria sem os perigos? Por ventura esses Paulistas, que hasteam o pendão da revolta, não serão tão dignos descendentes, como nós, de nossos maiores?

PEDRO BUENO.

São, e por fieis os terei sempre, pois bem vês que são arrastados pelas seduccões desses traidores Hespanhoes, não tem a necessaria instrucção para conhecerem o direito da casa de Bragança. E a plebe será tambem os dignos descendentes de nossos avós?

LUIZ BUENO.

A plebe apparece por toda a parte, mescla-se nos mais altos negocios dos estados e intervêm em todos os feitos sem que seja necessaria desper-tal-a; é a cauda que se une a todos os partidos em todas as revoluções, como um membro necessario ao corpo.

PEDRO BUENO.

Pois cada um que fique com as suas convicções, e esperemos pelo tempo.

LUIZ BUENO.

O tempo, sim, esse é que tudo decide; e quem hoje levanta, e quem amanhã aplaina todas as difficuldades. E aonde se acha nosso pai?

PEDRO BUENO.

Prepara-se para apresentar-se ao povo e exprobar-lhe tão desusado movimento

SCENA II.

Algumas pessoas do povo: LUIZ BUENO, PEDRO BUENO, MANOEL BUENO.

LUIZ BUENO (*a Manoel Bueno*).

Donde vens, meu irmão?

MANOEL BUENO.

Do senado da camara, que acaba de reunir-se extraordinariamente.

PEDRO BUENO.

E o que se tem decidido?

MANOEL BUENO.

Que quanto antes se acclame o rei dom João IV, convidando-se o povo para prestar o juramento de fidelidade, em quanto que Luiz da Costa e Balthazar da Borba vão ser enviados á côrte de Lisboa a fim de beijar a mão de S. M. Fidelissima, em nome dos Paulistas.

LUIZ BUENO.

A boas horas acordam os senhores officiaes da camara! (*Ouve-se musica seguida de vozes do povo em tumulto*). Eis os conjurados! Braz Esteves, Antonio Dias e Bartholomeu Rodrigues, são os que dirigem essa plebe, como tu a appellidaste, e que por certo são do contrario parecer do nosso senado.

SCENA III.

OS BUENOS: *grande numero de conjurados de todas as condições:* GARCIA, BRAZ ESTEVES, ANTONIO DIAS, BARTHOLOMEU RODRIGUES, *com as espadas desembainhadas e em alguma confusão.*

UMA VOZ (*ao som da musica*).

Uni-vos comnosco,
 Nobres companheiros!
 Ligeiros, ligeiros
 A's armas correi!
 Fique independente
 O nosso terreno;
 Amador Bueno
 Seja o nosso rei!

TODOS (*excepto os dous Buenos, formando um choro unisono*).

A's armas, ás armas, ás armas correi;
 Amador Bueno seja o nosso rei!

GARCIA.

Meus illustres Buenos, que é de o vosso pai?

PEDRO BUENO.

Não sei ao certo aonde esteja, porém elle não deixará de apparecer.
(Bartholomeu Rodrigues, Braz Esteves e Antonio Dias o rodeiam immediatamente).

BRAZ ESTEVES.

De que parecer estará elle?

ANTONIO DIAS.

Creio que a escolha de seus patricios não podia ser melhor.

BARTHOLOMEU RODRIGUES.

Queremos congratulal-o pela sua acclamação.

LUIZ BUENO.

Meus amigos, ahi estão meus irmãos que asseveram que elle renuncia tão subida honra.

ANTONIO DIAS.

Quem? Amador Bueno da Ribeira? E' impossivel, meus Srs.!

BARTHOLOMEU RODRIGUES.

Ninguem mais digno de empunhar o sceptro do que elle, por isso mesmo que se pensa indigno de encargo tão arduo, quão honroso.

BRAZ ESTEVES.

E' bem dito! hade ser o nosso rei!

GARCIA (*a Bartholomeu*).

Olhai que o fogo póde extinguir-se; fallai a vossos patricios que senão arrefeça nesses peitos patrioticos a chamma que ateamos.

BARTHOLOMEU.

Meus nobres Paulistas! A nossa obra vai a ser dignamente coroada pela adhesão geral; vamos pois com a nossa empreza por diante, que não ha ahi voltar atraz para a palavra do Paulista.

MUITAS VOZES.

Sim!— Sim!

OUTRAS VOZES.

Eil-o ahi!— Viva Amador Bueno nosso rei!— Viva Amador Bueno!—
(*Mais longe*) Nosso rei!

SCENA IV.

OS BUENOS, OS CONJURADOS *de varias condições*: GARCIA, BRAZ ESTEVES, ANTONIO DIAS, BARTHOLOMEU RODRIGUES, AMADOR BUENO, *o qual atravessa tranquillo pelos conjurados com as espadas alçadas; estes se descobrem e se afastam para deixal-o passar.*

BARTHOLOMEU RODRIGUES (*a Amador*).

Expirou a prepotencia do governo colonial! Portugal é livre, que independente do jogo da Hespanha acclama por seu rei ao duque de Bragança, e nós tambem queremos ser livres.

ANTONIO DIAS.

Sim, que ainda não prestamos o juramento de fidelidade á nova casa portugueza.

BRAZ ESTEVES.

E por isso vimos por nossa vez proclamar a independencia do nosso paiz, e em nome de Deos (*todos se descobrem*) acclamar-vos nosso rei.

AMADOR BUENO (*cobrindo-se*).

Eu vos agradeço do fundo de minha alma! (*Acclamações ruidosas*) Protesto-vos o meu eterno reconhecimento e dedicação! (*Novas acclamações*) Mas onde, ó Paulistas, onde deixastes a fidelidade que herdastes de nossos maiores? Que! por ventura não sereis os descendentes desses que fundaram S. Paulo, não reconhecendo por soberano senão aos senhores reis de Portugal, os quaes, não obstante ser esta capitania sujeita a donatario, sempre tiveram livre dominio nella?

BARTHOLOMEU RODRIGUES.

Queremos um rei proprio.

MUITAS VOZES.

Um rei proprio!— Um rei nosso!

AMADOR BUENO.

Temol-o no Sr. rei dom João IV! E havemos (*com força*) respeitar as leis da monarchia como nól-o ordena dom João III na doação e foral ce-

lebrados com nossos avós, certo de que os seus netos respeitariam o pacto concertado entre o rei e o seu povo. Nossos unicos magistrados particulares são os juizes ordinarios e os senhores republicanos do senado! Quereis a independencia do paiz?

MUITAS VOZES.

Sim!— Sim!

AMADOR BUENO.

Pois vamo-nos ao norte! Denodados inimigos, costumazes guerreiros, lá talam os Hollandezes as terras de nossos irmãos! Pernambuco, Tamaraka, Parahyba e Rio Grande do Norte, gemem sob o jugo de ferro da oppressão dos hereges. O leão da velha Batavia devassa nossos mares e insulta o dragão da velha Lusitania!. Vamo-nos lá a baratear essa vida pelos nossos conterraneos, e acclamar no meio dos brados, ao estampido do canhão que annuncie a victoria, ao Sr. dom João IV por nosso rei! Ah por ventura não vos gloriaes, não vos ensuberbeceis com a vossa ascendencia? Não sabeis o que fizeram nossos pais para conservar a independencia de nossa patria? Não sabeis como o braço conquistador dos hespanhoes caminhava para o Oriente, nos roubava a costa Austral, que demora ao Sul de Paranaguá, e conquistava o centro, quando Nobrega ajudado de Tibiriçá e Cahy-Uby ergueu S. Paulo sobre as Serras para barreira dos sertões brasilicos? E será do firme baluarte da defensão do reino que partirá o grito do desmembramento?

BARTHOLOMEU RODRIGUES.

E havemos de voltar atraz depois da nossa palavra de honra?

BRAZ ESTEVES.

E ficaremos ainda sendo Paulistas?

ANTONIO DIAS.

Acclamamos-vos nosso rei; ou queiraes ou não, sel-o-heis!

BARTHOLOMEU RODRIGUES.

Sel-o-heis!

BRAZ ESTEVES.

Sel-o-heis!

AMADOR BUENO.

Sim, porque não sois esses Paulistas formidaveis, nobres e esforçados, intrepidos e corajosos, que dados a guerra só respiravam combates, não tendo por lei senão a obediência; que partiram de Taubaté em busca de minas de ouro, que travaram guerra com os Guaycurús nos campos do Paraná, e não tendo em suas excursões mais do que o pincaro das montanhas por guia, penetraram os sertões, vingaram as serras, transpuzeram as torrentes, destruíram a cidade de Xerez, arrasaram a cidade real e sobre os destroços e ruínas de Villa Rica, deixaram escriptos com o sangue os feitos de valor que reivindicaram aquellas terras para a corôa portugueza. De quem foram essas acções tão gloriosas? Por ventura não daquelles descendentes de Tibiriçá, de Cahy-Uby, de Ramalho, de que nos devemos gloriar? E seremos nós os que deixaremos de transmittir a nossos filhos a herança de nossos pais? Paulistas! Se tivésseis a razão vossa da parte, não seria eu o primeiro a collocar-me á vossa frente? E não partilhei com-vosco ha dous annos, a expulsão dos jesuitas?

BARTHOLOMEU RODRIGUES.

Eis porque vos queremos por nosso rei!

AMADOR BUENO.

Tinheis então a justiça por vós, e hoje vos precipitais nas sendas do erro, persistindo em vossos designios injustos. Quereis saber para onde caminhais? Para um abysmo! Pois bem! vós me acclamais vosso rei?

VOZES.

Sim!— Sim!

AMADOR BUENO (*descobrimdo-se*).

Em nome de Deos eu vól-o juro que o não serei (*cobrimdo-se*), e desembainho a minha espada para defender os direitos do nosso rei, o Sr. dom João IV! (*Desembainha a espada; os filhos o imitam*).

BARTHOLOMEU, BRAZ E ANTONIO DIAS.

E nós (*tirando também as espadas das bainhas*) OS NOSSOS. (*Os conjurados erguem suas espadas acima de suas cabeças*).

AMADOR BUENO.

Fallei-vos a linguagem da verdade, e vós não me attendestes! Persisti embora no vosso erro, mas deixai-me ir em paz. ou quando não (*com força, cheio de nobreza*) abrir-me-hei caminho com a ponta desta espada! Deixai-me passar! . . (*Affastam-se todos como que machinalmente; elle passa e desaparece*).

GARCIA (*approximando-se*).

E o deixais partir? Não o acompanhais?

BARTHOLOMEU RODRIGUES.

Avante!

BRAZ ESTEVES.

Sigamol-o!

ANTONIO DIAS.

Vamos! Não o percamos de vista.

(*Seguem todos com as espadas alçadas, em tumulto*).

GARCIA (*partindo*).

A esperança me reanima!

SCENA V.

OS BUENOS.

PEDRO.

Nosso pai está exposto aos maiores perigos, e entretanto eis-nos aqui a braços cruzados.

MANOEL.

Como seguil-o em tanto alvoroço?

LUIZ.

Devemos ir em sua procura, e collocarmo-nos a seu lado.

PEDRO.

A plebe tornou-se pertinaz.

VOZES (*fôra, ao longe*).

Morra Amador Bueno! — Morra Amador Bueno!

LUIZ.

Não ouvís?

PEDRO.

E' a plebe que se revolta contra elle!

LUIZ (*escutando*).

Ainda lá bradam.

VOZES (*fôra*).

Ao mosteiro! — Ao mosteiro!

LUIZ.

Este brado horrendo me acaba de convencer que o resultado de tudo isto será uma série de infinitas desgraças! (*levantando a voz*) Sim ao mosteiro! E' elle que lá se refugia! São os conspiradores que tramam contra elle; é o cigano, que vendo frustradas as suas esperanças tenta vingar-se! A revolução! (*ironico*) Fenix terrivel que contém em seu seio o germen do proprio anniquilamento; — que ergue o seu cadafalso, que atéa a sua fogueira; — que com as azas levanta as linguas sanguinolentas que a abraçam, que a devoram, que a consomem; e envolta em fumo e chammas se aniquila em cinzas, primeiro que renasça de seus fumegantes restos!. A' elle! Ao mosteiro, a salvo, meus irmãos! Ao mosteiro!

Os BUENOS (*levantando as espadas*).

Ao mosteiro! Ao mosteiro! (*Vão-se*).

SCENA VI.

GARCIA, *apparece no fundo da scena, corre tudo com uma vista de olhos e caminha vagarosamente para o proscenio.*

GARCIA.

Deserto! Tudo está deserto!.. Mas lá... *(com expansão)* lá reina o tumulto, a desordem, a revolução, que com os seus braços tudo ameaça! E' a tempestade, cujo bramido prediz destruições. Oh desordem, desordem, eis-te ahi desenfreada por uma debil mão; prosegue em tuas evoluções! Que braço de gigante te poderá agora domar? *(Querendo partir)* Ah! Lapuerta chega.

SCENA VII.

GARCIA, LAPUERTA, *acompanhado de um vulto que fica no fundo da scena.*

LAPUERTA.

(Oh cá está elle! Fallai no máo e aparelhai o páo, diz o proverbio).

GARCIA.

Ah Lapuerta!

LAPUERTA.

Garcia! Então como vás com a tua revolta?

GARCIA.

As cousas não são tão faceis como se julgam.

LAPUERTA.

Diabol! Assim já dizia minha avó; mas tambem me dizia que não havia regra sem excepção.

GARCIA.

Essa não foi feita para mim.

LAPUERTA.

(Tanto melhor!) Pois eu sinto muito.

GARCIA.

A theoria falha quasi sempre na prática, e os calculos humanos não são infalliveis.

LAPUERTA.

Isso agora é que é um pouco mais difficil! Eu cá de grego, latim ou rhetorica entendo tanto como cousa nenhuma.

GARCIA.

Digo-te, que do pintado ao real, vai grande distancia.

LAPUERTA.

Sim, certamente, e tão grande que ainda ninguem mediu. Falla-me assim, que isso entendo eu e cá me fica.

GARCIA.

Ah Lapuerta, todas as minhas esperanças se despedaçam e desaparecem de encontro umas ás outras, como as vagas do oceano. Esse casamento, ainda em mal, transtornou o plano da revolução.

LAPUERTA.

E porque não fizestes primeiro a revolução? Nas aguas turvas é que muitos que por ahi andam tem pescado, meu amigo.

GARCIA.

Eu tinha tomado todas as precauções; tinha mandado assassinar essa mulher mysteriosa, visionaria, que creê lér no futuro e que parece adivinhar o meu pensamento! Apparição terrivel como surgida do sepulchro para amaldiçoar-me com o seu rir! Ah, eu cria esposando dona Leonor e elevando Amador Bueno ao throno, que seria perdoado por havel-o illudido com a minha imaginada nobreza, de que tanto se enorgulham esses pobres Paulistas; quiz depois merecer a mão de sua filha, lisonjeando ainda o seu amor proprio; ergui depois o grito de morte contra elle por me vêr como que perdido para sempre. Nada pois me resta do que fugir.

LAPUERTA.

E para isso ha um expediente muito facil.

GARCIA.

E qual é elle, Lapuerta?

LAPUERTA (*rindo-se*).

Põe-te a caminho.

GARCIA.

Tu te rís, porque não vês a tormenta que se passa neste coração. Sim eu quero fugir, e para bem longe; para onde até me esqueça do meu nome; mas primeiro. (*Como se animando*). Lapuerta, eu necessito de vingar-me, e desejo uma vingança atroz, uma vingança que me dê sangue a fartar. Anhele saciar-me com o seu espectáculo, recrear meus olhos com suas scenas barbaras, e depois partir seja para onde fôr, comtanto que nunca mais ouça fallar desta cidade maldita. Que é de, pois, o mameluco que ficaste de me trazer?

LAPUERTA.

(Si descobre o engano, está tudo perdido!) Eil-o! (*Accena; o vulto se aproxima; vêm envolto n'uma capa preta, deixando apenas vér os olhos por duas frestas*).

GARCIA.

E' este o individuo, que deve ser o instrumento de minha vingança?

LAPUERTA.

O mesmo em corpo e alma, de que te dei tão boas informações.

GARCIA.

(Quanto sou feliz!) Approxima-te! (*Para o vulto, que se chega*).

LAPUERTA (*a Garcia*).

São inuteis as palavras, nada de perder tempo; elle já sabe de todos os teus designios. (*O vulto inclina a cabeça affirmativamente*).

GARCIA.

Pois toma, aqui tens (*Dando-lhe um punhal, e uma bolsa que tira do seio,*)
E nesta bolsa acharás o premio de tuas obras! (*O vulto recebe tudo silenciosa-
mente*) Elle e ella! Ah! e os meus votos de vingança se completarão! (*Faz
signal; o vulto se retira*) Dom Francisco Redon! Ah não hasde zombar impu-
nemente de mim! A hora de me pagares o que me has feito estruge e pan-
cada por pancada vae echoar nas abobadas do inferno. Mulher terrivel,
genio de minha perdição, desta vez trocaram-se os papeis; desta vez serei
eu que te saudarei com o riso do anáthema, com o riso de satanaz refle-
tido de minhas faces, deixando cahir de meus labios a expressão de teu
solemne desprezo: « E' assim que eu me vingo de ti! »

LAPUERTA (*ironicamente*).

Os teus designios se realisarão como é de meu desejo.

GARCIA.

Proteja o anjo das trevas a esse terrivel mameluco nessa inspiração do
inferno e Deos tenha misericordia de suas almas!

(*Soam sete horas; Lapuerta as conta em voz baixa*).

LAPUERTA.

Sete horas.

GARCIA.

Ah! falta só uma! . . .

DESCE O PANNÓ.

FIM DO QUARTO ACTO.



V.

A FIDELIDADE.

Um exemplo da mais heroica fidelidade.

(MADRE DE DEOS, *Mem. hist. da cap. de S. Vicente*).

ACTO QUINTO.

ADRO DO MOSTEIRO DE S. BENTO.

SCENA I.

Os CONJURADOS *apinhados no adro; um pouco mais destacados*, ANTONIO DIAS,
BRAZ ESTEVES, BARTHOLOMEU RODRIGUES; *depois GARCIA*.

BARTHOLOMEU RODRIGUES.

Eu tambem vos digo, meus amigos, que a não ser o respeito que devo a esses sacerdotes, ha muito que estas portas estariam abertas!

ANTONIO DIAS.

Por S. Bento, que o não duvido!

BRAZ ESTEVES.

E quem é que se refugia n'um mosteiro para não ser rei, e tendo por tudo e para tudo as necessarias qualidades? Para ser rei, basta ser um grande homem ou um homem grande.

BARTHOLOMEU.

Aqui está este seu criado, que não é pequeno (*risadas*).

ANTONIO DIAS.

Sois grande de mais. Eu, que nada sei, a menos que se trate de andar nas bandeiras a descobrir minas de ouro e captivar indios para faiscar as minas, não faria tal; antes, pelo contrario, que cá o senhor chefe de ban-

deiras se lhe offerecessem uma corôa, pegára della e a encaixaria na cabeça com toda a naturalidade com que agora o faz a este pobre chapéo (*risadas*).

BARTHOLOMEU.

E tu feito rei tínhamos que vêr! Ou serias o páo no meio do charco das rãas, ou a serpente que as devorava a seu gostinho sem se lhe dar que o reino se despovoasse (*risadas*). Meu amigo, por ora não sabes o que dizes.

ANTONIO DIAS.

Tu é que sabes! Ora eis ahi como presumpção e agua benta toma cada um a que intenta! Apósto que regeitarias também a corôa?

BARTHOLOMEU RODRIGUES.

Até aqui tenho-me dado muito bem com este chapéo.

ANTONIO DIAS.

Nem é o mel para a boca do asno (*risadas*).

BRAZ ESTEVES.

O homem entrincheirou-se nos proverbios, e vai te metralhando com elles.

BARTHOLOMEU RODRIGUES.

Tem ao menos por si a sabedoria popular; dizer o que todos dizem, não admira.

ANTONIO DIAS.

Mas, a proposito, sempre é alguma cousa, e quem dá o que póde não é...

BRAZ ESTEVES.

Ora deixa-te disso; põe no meio de teus proverbios um et cætera, e escusa-te de dizer o que já sabemos (*risadas*).

BARTHOLOMEU RODRIGUES.

Que o homem teve suas razões para se pôr fóra da alhada em que o metteram, não ha duvida. Quererem matál-o por não aceitar o titulo de rei só lembra não sei a quem.

BRAZ ESTEVES.

Ao diabo. Oh! ahi está o da magnifica e incomparavel lembrança e que a final de contas encruzou os braços até mais vêr (*apontando para Garcia que se aproxima*).

GARCIA.

Chama-se a isso metter os cães na moita e pôr-se de fóra.

BARTHOLOMEU.

Mal comparando, que em todo o caso sempre é boa a resalva.

GARCIA.

Pensei que bastava inflamar-vos; mas vós arrefecestes no ardor da empreza, e eil-a que se precipita na propria aniquilação. Assim é tudo.

ANTONIO DIAS.

Que querieis que fizessemos, homem de Deos? Vimos em cata de diamantes, e não achamos senão cascalho! (*risadas*).

BRAZ ESTEVES (*descobrimdo-se*).

Agora, sim Snr., que esta é sua, e bem lembrada!

GARCIA (*com acrimonia*).

Por ventura são aquellas portas tão fortes e seguras que resistam a cem, duzentos, trezentos braços?

BARTHOLOMEU RODRIGUES.

Nem a dous; que a tanto se afoitam os meus.

ANTONIO DIAS.

E os meus.

BARTHOLOMEU RODRIGUES.

E assim podiamos abatel-as de arremesso; mas nós somos Paulistas e bem sabeis que os Paulistas respeitam o asylo sagrado.

GARCIA.

Asylo sagrado aquella casa de frades Bentos? E como chamareis uma igreja? Eu pensava que tinha desencadeado o tufão, e que elle por si mesmo se encarregaria de seus estragos;—enganei-me! Incitei a homens que suppunha cavalleiros esforçados (*com o maior desprezo e querendo partir*) e acho-me com pèrros cobardes, que perderam o trilho da caça. (*Os tres chefes dos conjurados avançam para Garcia, levando a ponta de suas espadas ao peito*).

SCENA II.

OS CONJURADOS, BARTHOLOMEU RODRIGUES, BRAZ ESTEVES, ANTONIO DIAS,
que ameaçam a Garcia; D. JOÃO MATHEUS RENDON.

D. JOÃO MATHEUS.

Que fazeis? Que pretendeis? Em que vos offendeu esse homem?

BARTHOLOMEU.

Em chamar-nos de pèrros!

BRAZ ESTEVES.

E perros cobardes.

ANTONIO DIAS.

A nós, os Paulistas...

D. JOÃO MATHEUS.

A offensa é grandel

BARTHOLOMEU.

Pois morra!

ANTONIO DIAS.

Morra!

BRAZ ESTEVES.

Morra!

D. JOÃO MATHEUS.

Esperai! Attendei-me! Não me conheceis? Por quem tenho eu combatido nestes ultimos annos?

Por nós.

OS CHEFES.

D. JOÃO MATHEUS.

Por quem recebi estas honrosas cicatrizes?

Os CHEFES.

Por nós.

D. JOÃO MATHEUS.

Sim, por vós, por vossos irmãos, pelejando na Bahia contra os invasores Hollandezes! E não terei por ventura juz á vossa gratidão?

BARTHOLOMEU.

Tendes!

BRAZ ESTEVES.

E muito.

D. JOÃO MATHEUS.

Conservai a vida deste homem. Elle a deve; — ella está empenhada n'um duello. Deixai-o. (*Os conjurados deixam Garcia como que livre; este quer fugir, quando é detido por uma mão negra*).

SCENA III.

OS CONJURADOS, BARTHOLOMEU, RODRIGUES, BRAZ ESTEVES, ANTONIO DIAS, D. JOÃO MATHEUS RENDON, O MASCARA NEGRO, *que apparece de subito ante GARCIA.*

O MASCARA NEGRO (*detendo-o*).

Deixai-o, sim, que é comigo que elle tem de haver-se.

GARCIA (*estremecendo*).

(*Oh maldição! Ainda vive! Estou perdido!..*)

O MASCARA NEGRO.

Garcia: em que lugar estamos?

GARCIA (*affectando animo*).

No adro do mosteiro de S. Bento.

O MASCARA NEGRO.

Que horas são?

GARCIA.

Ainda não é tempo. (*Ouvem-se oito badaladas no sino do mosteiro*).

O MASCARA NEGRO.

Escutemos! (*Contando as badaladas, levantando a voz, á proporção que soam*). Duas, tres, quatro, cinco, seis, sete e. oito!.. Oito horas da manhã; é a hora marcada. Eis a minha espada, que ainda não entrou na bainha, porque não sei faltar á minha palavra.

GARCIA (*olhando para o povo*).

E' um duello!

O MASCARA.

Um duello de morte: e as nossas testemunhas.

AMBOS.

Deos e o Povo! (*Cruzam ambos as suas espadas e vão bater-se fóra da scena; o povo presencencia o combate*).

UMA VOZ.

Eu vou por Garcia!

OUTRA VOZ.

Eu pelo cavalleiro negro.

VOZES.

Garcia vence!

MUITAS VOZES.

Vence!— Vence!

OUTRAS VOZES.

Não!

UMA VOZ.

A acção torna-se igual.

OUTRA VOZ.

Luctam ambôs com valor!

AINDA OUTRA VOZ.

O cavalleiro da mascara é quem vence!

TODOS.

E! E!

GARCIA (*entrando desarmado*).

Ah! perdi a minha espada! Não me mateis!

VOZES.

Sim!— Perdão! — Perdão para elle!

SCENA IV.

OS CONJURADOS, BARTHOLOMEU, RODRIGUES, BRAZ ESTEVES, ANTONIO DIAS,
D. JOÃO MATHEUS RENDON, GARCIA, MARTHA *embuçada n'uma capa negra,*
surprehende GARCIA por detraz e crava-lhe o punhal no peito.

MARTHA (*com voz terrivel*).Não, tu deves morrer! (*crava-lhe o ferro*).GARCIA (*levando a mão á ferida*).

Ah! que traidora é vossa morte!

MARTHA.

Conheces este ferro?

GARCIA (*admirado*).

Pois que! Eras tu?

MARTHA.

Não a duvides, vê, e reconheçe-me! (*sorri-se, deixando vér o rosto*).

GARCIA.

Martha!

MARTHA.

Tu m'ò pediste tinto de sangue; eil-o! (*arremessando com desprezo*) E aqui tens o premio de tuas obras (*atirando-lhe com a bolsa*).

GARCIA (*de joelhos*).

Minha esposa!

MARTHA.

Tu me esqueceste com esse titulo sagrado!

GARCIA (*ternamente*).

Perdão para a minha alma na hora da morte!

MARTHA.

Nunca!

GARCIA.

Nunca! Palavra do inferno na ultima hora da vida!.. Ah!. (*Cabe morto*).

SCENA V.

OS CONJURADOS, BARTHOLOMEU DIAS, BRAZ ESTEVES, ANTONIO DIAS, D. JOÃO MATHEUS, RENDON, GARCIA, MARTHA, LAPUERTA.

LAPUERTA (*a Martha*).

Estás vingada! (*Abraçando-a e apontando-o para fóra da scena e quasi ao ouvido*) Vamos-nos daqui! (*Lapuerta e Martha desaparecem entre os grupos do povo; e o corpo de Garcia é arrastado para fóra da scena*).

SCENA VI.

OS CONJURADOS, BARTHOLOMEU DIAS, BRAZ ESTEVES, ANTONIO DIAS, D. JOÃO MATHEUS RENDON, O MASCARA NEGRO. (*Varias pessoas do povo rodeam o Mascara*).

BARTHOLOMEU RODRIGUES.

Bravo, cavalleiro: quem sois, que tão dignamente nos defendeste?

BRAZ ESTEVES.

Queremos vos conhecer.

ANTONIO DIAS.

Tirai a mascara.

VOZES.

Tirai! Tirai!

O MASCARA NEGRO.

Pois conhecei-me!

TODOS.

D. Francisco Rendon!

D. FRANCISCO RENDON.

Sim, aquelle que convosco tem partilhado todos os perigos e que convoscoha combatido pela liberdade do Brasil.

VOZES.

E' verdade!

D. FRANCISCO RENDON.

E que hoje tomando o disfarce veiu sobre a praça publica arrancar a espada, que indignamente trazia esse que ahi pagou com o sangue as suas iniquidades; mas ah, por S. Paulo! que já não sois os mesmos! Que fizestes ha sessenta annos que vos deixastes agrilhoar como um rebanho de escravos da Hespanha? Que fazeis agora, que despertais do somno da ignominia? Maldição sobre os filhos ingratos, que tendo respeitado uma madrasta, não correm a abraçar a mãe verdadeira que lhes surge do sepulchro! O' Tibiriçá, Cahy-Uby, Ramalho e Nobrega, os vossos decendentes degeneraram! A coragem civica, o amor pela bem entendida liberdade, a gloria pelas altas empresas, a observança de seus juramentos, ah! já não são nobres estimulos para os vossos netos! Perfidos hespanhoes os seduziram e os arrastaram ao turbilhão da rebeldia e virão por fim com seus ferros

escravizal-os como a seus escravos! E o que lhes restará então? A vergonha de um jogo estrangeiro, quando a Metropole despedaça os seus grilhões de captiva, e quando todo o Brasil se alevanta em seu favor! Não ouvís? (*Ouvem-se os canticos dos frades ao som do órgão, vindo do mosteiro*) Alli resoam os canticos sagrados; e Amador Bueno, perseguido, leal a seu rei, fiel a seu juramento, se prostra ante os altares a implorar um refugio para os seus dias; e vós, persistindo no vosso erro, ameaçais com a morte tanta dedicação! Ah! que negra nodoa mancha os annaes da nossa capitania, que nem todas as aguas do Tieté e do Tamandatahy a poderão lavar! Despedaçai os vossos ferros, anniquilai a prepotencia hespanhola, que se-reis livres!

BARTHOLOMEU RODRIGUES.

Sim, abaixo a prepotencia hespanhola!

VOZES.

Abaixo! Abaixo!

SCENA VII.

OS CONJURADOS, BARTHOLOMEU RODRIGUES, BRAZ ESTEVES, ANTONIO DIAS, D. JOÃO MATHEUS RENDON, D. FRANCISCO RENDON; *abrem-se de par em par as portas do mosteiro, e veem-se os altares illuminados: AMADOR BUENO, sahindo do mosteiro e trazendo a bandeira real; depois o D. DOM ABBADE á frente da communitade, de cruz alçada; O PRESIDENTE DO SENADO DA CAMARA e seus OFFICIAES com suas roupas proprias, trazendo as suas varas e estandarte com as armas da cidade, ou antes da villa.*

AMADOR BUENO.

Sim, abaixo a prepotencia hespanhola e prestemos preito e homenagem á Serenissima casa de Bragança. (*O povo se descobre e estende as mãos*).

D. ABBADE (*adiantando-se com a cruz*).

Meus filhos, por esta cruz sagrada! (*O povo se ajoelha e o dom Abbade estende a mão sobre todos*). E a gloria e a paz do Senhor seja com os Paulistas! (*Erguem-se todos*).

AMADOR BUENO (*entre o povo*).

Os vís, que vos allucinaram, me presumiram tão infame, tão baixo que pensaram que o sangue de meus ascendentes hespanhoes produziria em mim mais effeito que o sangue herdado de meus ascendentes portuguezes, e o ter nascido n'uma provincia brasileira, e como o Brasil seguindo a sorte da mãe patria deixava de pertencer á Hespanha, elles com o quererem independente roubavam a corôa portugueza o mais bello diamante do Occidente. Era ao precipicio que elles vos arrastavam, vos preparando um futuro sanguento, cuja serie de desgraças terminaria pela mais cruenta. Ah elle vos imporia o mais abominavel de todos os captiveiros. Fiel a meu rei, ser-me-ha mais grato me perder no meio das acclamações que o elevem ao throno e me recolher tranquillo ao seio de minha familia. E mais que um throno, que uma corôa, que um sceptro, ser-me-ha a gloria de ouvir dizer um dia pela posteridade de sobre o meu tumulo:— « Elle foi fiel á seu rei! . . »

SCENA VIII.

AMADOR BUENO, D. MARIA BUENO, D. LEONOR BUENO, OS IRMÃOS BUENO, D. JOÃO MATHEUS, D. FRANCISCO RENDON, O DOM ABBADE E OS BENEDICTINOS, O PRESIDENTE, OS OFFICIAES REPUBLICANOS DO SENADO DA CAMARA, POVO, BARTHOLOMEU RODRIGUES, BRAZ ESTEVES, ANTONIO DIAS. (*Amador Bueno ganha o proscenio rodeado dos vereadores, de dom Abbade e seus filhos; o Povo mostra-se no sey maior enthusiasmo*).

O DOM ABBADE.

Amador Bueno, sois digno do mais encarecido louvor! Grecia ou Roma vos ergueriam uma estatua, si tivesses nascido entre Gregos ou Romanos.

AMADOR BUENO (*entregando a bandeira ao presidente do Senado*).

Não fiz mais do que cumprir um dever.

OS FILHOS (*abraçando-o ternamente*).

Meu pai!

AMADOR BUENO.

Meus filhos.

D. FRANCISCO E D. JOÃO.

Amador Bueno!

AMADOR BUENO.

Meus amigos! Celebraremos a memoria deste dia com o consorcio: que dizeis?

D. FRANCISCO RENDON.

Eu vos comprehendo, senhor, e vôl-o agradeço.

AMADOR BUENO (*a Leonor*).

Minha filha, aqui tens o esposo verdadeiramente digno de ti? (*Voltando-se para o dom Abade*). Dom Abade, heis de celebrar o seu casamento!

DOM ABBADE.

Sim, meus filhos, e possa a fidelidade do maior Paulista de nosso seculo, servir de novos estímulos á nós e á posteridade.

D. FRANCISCO RENDON.

Nós transmittiremos aos nossos filhos esse legado de heroicidade, e será elle a maior gloria, o mais pomposo brazão, e o mais nobre orgulho dos Paulistas ainda nos futuros tempos do Brasil! (*São o hymno portuguez*).

TODOS.

Real, real,
Por nosso rei,
Dom João Quarto,
De Portugal!

(*O panno descê vagarosamente*).

FIM.

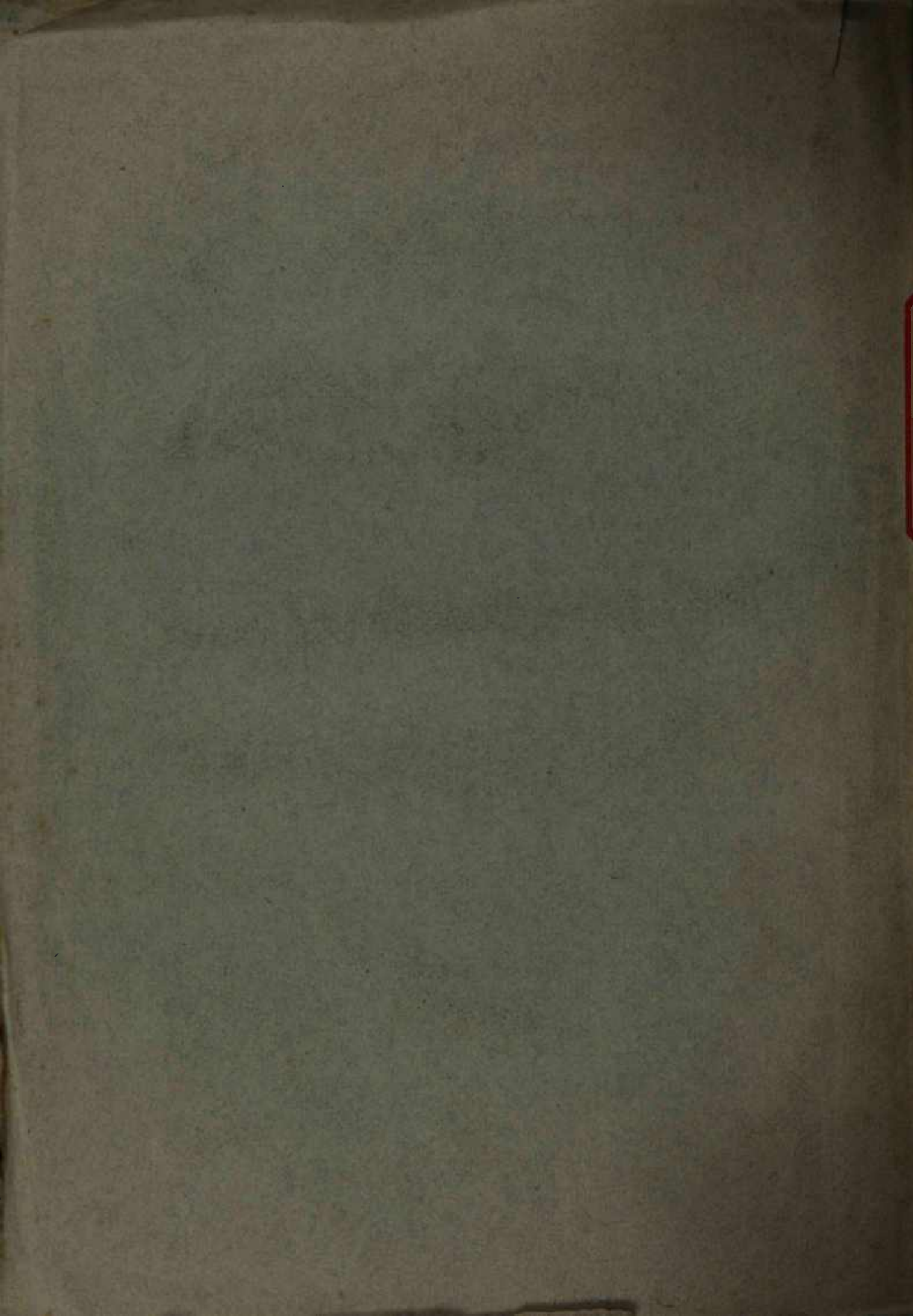
Nichteroy, 7 de Agosto de 1843.

220 - 1000
Paul. ...

...

...

977.000



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).